



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE DIREITO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

PEDRO NABUCO ARAUJO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DA REVOLTA: ALBERT CAMUS E O SENTIDO TRÁGICO DA
JUSTIÇA**

Salvador

2019

PEDRO NABUCO ARAUJO DE OLIVEIRA

CAMINHOS DA REVOLTA: ALBERT CAMUS E O SENTIDO TRÁGICO DA
JUSTIÇA

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado à banca examinadora do Curso de Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Direito.

Orientador: Professor Doutor Antônio Sá da Silva.

Salvador

2019

PEDRO NABUCO ARAUJO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DA REVOLTA: ALBERT CAMUS E O SENTIDO TRÁGICO DA
JUSTIÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

Antônio Sá da Silva (Orientador)

Doutor em Ciências Jurídico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra.

Pedro Lino de Carvalho Júnior

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia.

Thiago Araújo Pinho

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

A pesquisa propõe uma discussão sobre o sentido da justiça e a situação política brasileira na segunda década do século XXI, a partir de uma genealogia da revolta, conforme a obra do argelino Albert Camus. Diante do contexto de grave polarização política e moral, expande-se o sentimento de absurdo na sociedade e a justiça passa a ser evocada para a negar o outro, perdendo seu poder de afirmação revoltada. Partindo das obras de Camus, com suporte em Nietzsche e Viviane Mosé, bem como algumas contraposições com Jean-Paul Sartre, serão estudados o filme Bacurau, de Mendonça e Dornelles, e a música Caminhos de Abebe Bikila. Assim, através de uma leitura camusiana intermediada pela arte, será elaborada a proposição de um sentido trágico de justiça, em que a resistência revoltada no absurdo, sem pretender eliminá-lo, defende a vida e supera o niilismo dominante.

Palavras chaves: Absurdo. Revolta. Albert Camus. Bacurau. Abebe Bikila.

ABSTRACT

The research proposes a discussion about the meaning of justice and the contemporary Brazilian political situation, from a genealogy of revolt, according to the work of Algerian Albert Camus. Faced with the context of grave political and moral polarization, the feeling of absurdity in society expands and justice is evoked to deny the other, losing its power of revolted affirmation. Starting from the contributions of Camus and using the music Caminhos de Abebe Bikila, and the movie Bacurau, by Mendonça and Dornelles, the proposition of a tragic sense of justice will be elaborated, in which the resistance revolted in the absurd, without wishing to eliminate it, defends life and overcomes the dominant nihilism.

Keywords: Absurd. Revolt. Albert Camus. Bacurau. Abebe Bikila

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O ABSURDO	14
2.1 UMA TRAJETÓRIA ABSURDA: DA MISÉRIA AO PRÊMIO NOBEL.....	14
2.2 O ABSURDO COMO SENTIMENTO	20
2.3 DESDOBRAMENTOS DO ABSURDO: ENTRE A TRAGÉDIA E AS SAÍDAS NILISTAS	22
2.4 OS DIREITOS HUMANOS NA ENCRUZILHADA DO ABSURDO	28
2.5 A GENEALOGIA DO ABSURDO BRASILEIRO.....	29
3. DO ABSURDO À REVOLTA	33
3.1 AS DUAS FACES DA REVOLTA: UM NÃO QUE INSTITUI UM SIM	33
3.2 A REVOLTA ANTES E DEPOIS DO SAGRADO	35
4. A REVOLTA	37
4.1 A REVOLTA METAFÍSICA	37
4.2 A REVOLTA HISTÓRICA	40
4.2.1 A Razão no lugar de Deus	41
4.2.2 A Razão como instrumento de conquista	43
4.2.3 A profecia comunista	44
4.2.4 Sartre e Camus: o trágico da moral <i>versus</i> o existencialista da determinação 47	
5. A GENEALOGIA DA REVOLTA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI	52
5.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVOLTA BRASILEIRA.....	52
5.2 OS DIFERENTES REVOLTADOS CONTRA A INDIFERENCIAÇÃO	54
6. A REVOLTA EM BACURAU	61
6.1 BACURAU: A ARTE ACIMA DA POLÍTICA.....	61

6.2 SADE E OS FORASTEIROS: A NEGAÇÃO ABSOLUTA	62
6.3 DAMIÃO: A FIDELIDADE DA REVOLTA	67
7. CAMINHOS DA REVOLTA: BK E O TRÁGICO	69
8. CONCLUSÃO.....	77

1. INTRODUÇÃO

Sessenta anos passaram do trágico acidente que deu fim à aventura de Albert Camus na Terra. Do auge da Guerra Fria até as duas primeiras décadas do século XXI, o mundo deu muitas voltas. Há pouco, surgia o *smartphone*, instrumento que eleva homens e mulheres a um patamar de comunicação praticamente infinito, e este tempo no qual ver e ser visto pelo outro tornou-se espantosamente fácil é também o tempo que tomamos consciência da dificuldade em lidar com o outro.

Tempo de polarizações fabricadas, de inundações de notícias falsas que afogam a inteligência dos povos, tempo da inviabilização do diálogo para que triunfe a palavra de ordem. Tempos de profunda negação das evidências mais elementares. Ironicamente, é na era do “terraplanismo” e métodos de cura gay que negros e mulheres são mais livres do que nunca, livres o suficiente para reescreverem suas próprias histórias. É o tempo das narrativas plurais, onde se abrem os mais diversos caminhos ao ser humano.

O sentido da tragédia em Albert Camus é o da dualidade inescapável em que a vida se apresenta. Assim, o trágico não se dá pela existência da dor e da morte no mundo. O trágico está no fato de que esse mundo, onde o ser humano é condenado a enfrentar sofrimentos inexplicáveis, calha por ser também o mundo que abriga a beleza e a alegria¹.

Imerso na contradição e sem ter um significado prévio para sua existência, o homem encara o absurdo, que lhe impõe a tragédia de uma vida desprovida de certezas e falsas esperanças, mas igualmente animada pelo que é belo e alegre. Como se guiar a partir de então? Camus fornece algumas sugestões.

Nascido em 1913, no distrito de Dréan, Argélia, o prêmio Nobel de Literatura em 1957 é autor de uma obra vasta. Além de romances, ensaios filosóficos e dramaturgias, foi editor de um dos mais importantes jornais da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial, o *Combat*, assumindo um papel público importante.

A relação entre vida pessoal e obra é fundamental em Camus, que, de fato, exerceu uma escrita politicamente engajada e não se esquivou de nenhuma das grandes questões de seu tempo. Enquanto viveu e lutou, o fez por meio das palavras. A tentativa de

¹ “Deste modo, Camus elabora a tragédia pela vida do cotidiano. Mas no cotidiano já está o trágico, assim como no ordinário está o extraordinário e no lógico está o absurdo. Uma calamidade, assim trabalhada, revelará uma carência de patetismo que nos situa de cheio na arte de narrar o trágico. Ele acontece, quando acontece, no meio de um mundo que oscila entre a banalidade e o sobrenatural.” <GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 74>.

estabelecer um diálogo claro entre os homens é um dos objetivos primordiais de sua obra, algo que seu próprio estilo literário, firme e direto, indica.

Apesar de ser frequentemente listado nos manuais de filosofia, Camus negava para si mesmo o título de filósofo porque sua obra não tencionava à construção de um sistema de conceitos rigidamente orquestrados, suas reflexões são feitas especialmente a partir de imagens. A possibilidade do conhecimento verdadeiro é negada por Camus². Há, em toda sua obra, uma grande afinidade com a oposição nietzscheana à filosofia platônica, a denúncia da “crença na razão” e a afirmação de um limite para o que a ciência pode alcançar.

Camus é frequentemente associado ao existencialismo, e embora compartilhe de muito de seus temas, negava para si esta definição. Uma de suas influências filosóficas decisivas é Friedrich Nietzsche, assim como os chamados moralistas franceses, tais quais Blaise Pascal e Chamfort, escritores que, como Camus, tinham a relação entre o homem e a moral como um dos seus principais objetos de pesquisa³.

Da extensa obra do argelino, interessam a este trabalho, sobretudo, os ensaios filosóficos *O Mito de Sísifo e O Homem Revoltado*. A partir da apresentação das noções⁴ de absurdo e revolta, a discussão será direcionada para o sentido camusiano da justiça. A intenção é desvelar como a obra de Camus trata do agir justo dentro dos dilemas históricos, assim, não importa extrair um conceito em seu sentido mais estrito, referindo a abstrações sobre a justiça com uma pretensão de validade universal.

O que se pretende é a apresentação do sentido da justiça em Camus a partir de um diálogo com a arte, no intento de compor uma noção sobre a ação política que revele suas consequências e os limites a que deve respeitar para que seja justa. Quais são as possibilidades de engajamento político nos tempos que se seguem e como este engajamento pode afetar a realidade tanto negativamente, culminando em totalitarismo,

² “O método aqui definido confessa a sensação de que todo conhecimento verdadeiro é impossível. Só se pode enumerar as aparências e apresentar o ambiente.” <CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 26>.

³ “Os moralistas da literatura francesa da Ilustração têm o traço comum do pessimismo e do fatalismo. Camus parece ter predileção especial – mais do que por La Rochefoucauld ou Vigny – por Chamfort, que trabalha com a ideia de fundir paixões em caracteres. A vida é paixão dentro de um caráter que a contém. E o que é o caráter? É monotonia, repetição.” <GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 71>.

⁴ Cabe esclarecer que os termos absurdo e revolta, por vezes, serão tidos como conceitos, ou seja, irão precisar um determinado limite essencial de significado. Entretanto, dentro da obra camusiana, absurdo e revolta não representam apenas noções racionais, mas também sentimentos humanos.

como positivamente, logrando a emancipação? É este tipo de pergunta que o trabalho quer responder, ou encontrar sugestões, abrir caminhos.

Na última década, especialmente a partir de junho de 2013, a sociedade brasileira se agitou bastante, diversos movimentos sociais nasceram desse processo e balançaram as regras de um frio jogo parlamentar. É importante esclarecer que neste trabalho o termo “movimentos sociais” terá o sentido mais amplo. Assim, não serão considerados como tais apenas os de cunho emancipatório associados aos agentes progressistas, como também aqueles que reclamam uma maior ordem e uma coesão social mais rígida, associados aos agentes conservadores⁵.

Muitas são as diferenças entre esses grupos, mas o sentimento de revolta contra um mundo que sentem estar lhe escapando é comum a todos. O início desses movimentos é identificado nos protestos contra o aumento do preço nas passagens de ônibus na cidade de São Paulo. De lá pra cá, as instituições se deterioram visivelmente e o país está imerso em uma instabilidade democrática que vinte centavos a mais na passagem não podem explicar.

Em que pese seja muito difícil precisar de onde vem e até onde querem ir todas essas movimentações sociais, parece evidente que um movimento de grande transformação está em curso ou, ao menos, o anúncio de sua necessidade. O despontar da revolta no brasileiro.

A revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível. Mas seu ímpeto cego reivindica ordem no meio do caos e a unidade no próprio seio daquilo que foge e desaparece. A revolta clama, ela exige, ela quer que o escândalo termine e que se fixe finalmente aquilo que até então se escrevia sem trégua sobre o mar. Sua preocupação é transformar⁶.

Para cumprir a árdua tarefa de encontrar um sentido para a justiça num tempo em que o absurdo e a revolta parecem saltar aos olhos de forma crescente, a arte é o caminho eleito. As formas artísticas são uma via de expressão privilegiada em Camus,

⁵ Um bom exemplo é o Movimento Brasil Livre (MBL) que, embora tenha sido um dos entes a inflar a denúncia contra o sistema político “tradicional”, culminou com diversos de seus líderes eleitos para o parlamento.

⁶ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 22.

especialmente por se tratar de uma forma de linguagem capaz de abarcar as dualidades e as contradições que estão no cerne da condição humana.

O presente trabalho utilizará, primordialmente, a música Caminhos, faixa do disco Castelo e Ruínas, 2016, do *rapper* carioca Abebe Bikila, ou BK, como ponte para refletir a obra camusiana, aproveitando as vantagens comunicativas da arte para apresentar conceitos que dificilmente se amoldam numa linguagem mais rígida. O que também indicará como o pensamento de Camus se conecta com aspirações artísticas contemporâneas, e, por consequência, à sensibilidade de nossos tempos mais de meio século depois de sua morte.

Talvez não exista nenhum gênero musical que seja tão forjado pelos dilemas contemporâneos quanto o rap. Uma forma de arte que sempre esteve ligada a contestações e denúncias sociais, a revolta está certamente inscrita em suas tradições. Abebe Bikila é um dos maiores representantes da nova geração de *rappers* brasileiros. No disco Castelo e Ruínas, suas rimas e melodias tecem um universo complexo, além da tradição de revolta e denúncia social, transitam na lírica do poeta carioca reflexões sobre o absurdo da existência, anseios metafísicos e dilemas morais.

O filme *Bacurau*, de Juliano Dornelles e Kléber Mendonça Filho, é outra expressão artística eleita para observação. Sem se pretender a uma crítica do filme, ou a uma interpretação extensiva da obra, será proposta uma leitura das manifestações da revolta e como esta se desenvolve na narrativa de alguns personagens selecionados. Caberá assim propor uma leitura na revolta dos forasteiros e na revolta de Damião.

Tal obra foi sucesso de público⁷, ovacionada pela crítica internacional⁸, alvo de polêmica na crítica nacional. Tanta atenção despertada denota sua importância enquanto obra de arte que se propõe também a discutir a realidade. E se a realidade é política, politizada, não se pode dizer que seja um demérito que a obra se apresente assim.

Aliando o pensamento camusiano com a arte contemporânea⁹, será discutido o problema da justiça e do engajamento político. Após esta breve introdução, serão

⁷ FELICIANO, Jonas. “**Bacurau**” arrecada R\$1,5 milhões e já foi assistido por 110 mil pessoas. Eu, Rio!. Disponível em: <<https://eurio.com.br/noticia/9332/bacurau-arrecada-rs1-5-milhoes-e-ja-foi-assistido-por-110-mil-pessoas.html>>.

⁸ G1. **Filme brasileiro ‘Bacurau’ vence prêmio do Júri no Festival de Cannes**. G1 Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/05/25/bacurau-vence-premio-do-juri-no-festival-de-cannes.ghtml>>.

⁹“Só o equilíbrio entre a evidência e o lirismo nos permite aceder ao mesmo tempo à emoção e à clareza.” <CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p.12>.

apresentadas as noções de absurdo e revolta, relacionando-as com as situações históricas em que surgiram, apontando para a íntima conexão que existe entre esses conceitos e as condições em que foram gestados. O que permitirá que estes termos tenham seu sentido renovado para as condições do tempo presente¹⁰.

Em um primeiro momento será realizada uma descrição do absurdo na obra de Camus. O essencial nesse ponto é que, diferente dos outros autores que encontram no desespero do homem perante um mundo desprovido de sentido, uma conclusão de seus raciocínios. Camus vê aí um ponto de partida, assim, o que lhe importa são as consequências que se podem retirar do absurdo¹¹.

Em seguida, será abordado o raciocínio desenvolvido acerca da revolta, pautado na genealogia proposta por Camus em *O Homem Revoltado*. Nesta obra, tomando alguns momentos decisivos da história ocidental como óticas privilegiadas de análise, o argelino realiza um esboço histórico da revolta e busca desvendar, numa pesquisa das atitudes que ela gerou, se esta revolta pode servir para transformar o homem sem destruí-lo¹².

Caberá um destaque especial para a relação entre o pensamento de Camus e o de Nietzsche, além do debate sobre a moral, entre outras relações óbvias, os dois são autores que privilegiam uma linguagem mais livre e aberta. Assim, se esquivam de fundar suas ideias em conceitos rígidos ou métodos científicos usuais¹³. Outro ponto que será destacado é a polêmica com Jean-Paul Sartre, quando da publicação de *O Homem*

¹⁰ “O essencial, portanto, não é ainda remontar às origens das coisas, mas sendo o mundo o que é, saber como conduzir-se nele”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p.14>.

¹¹ “A sua originalidade é, a seus olhos, ir ao fim das próprias ideias: para ele não se trata, com efeito, de colecionar máximas pessimistas. Certo é que o absurdo não está no homem nem no mundo, se os tomamos isoladamente; mas, como é o caráter essencial do homem o “estar-no-mundo”, o absurdo é, em suma, unitário com a condição humana”. <CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Editora Lisboa. Portugal. 1980. p. 10>.

¹² “Dois séculos de revolta, metafísica ou histórica, se oferecem justamente à nossa reflexão. Só um historiador poderia pretender expor, com detalhes, as doutrinas e os movimentos que se sucederam nesse período. Deve ser possível, pelo menos, **buscar nele o fio da meada**. As páginas que se seguem propõem apenas alguns marcos históricos, e uma hipótese que não é a única possível; aliás, ela está longe de tudo esclarecer. Mas explica em parte o rumo e, quase inteiramente, os excessos de nosso tempo. A história prodigiosa que aqui se evoca é a história do orgulho europeu. A revolta, em todo caso, só podia fornecer-nos as suas razões ao cabo de uma pesquisa sobre as suas atitudes, pretensões e conquistas”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 22>.

¹³ “Escrever um trabalho acadêmico sobre Nietzsche chega a parecer um contrassenso, especialmente quando discute a crítica da linguagem. É exatamente contra o pensamento conceitual, contra as categorias lógico-gramaticais que não somente a genealogia da linguagem se insurge, mas o projeto nietzscheano como um todo”. <MOSE, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Nobilis. Rio de Janeiro. 2018. p. 13>.

Revoltado, momento em que dois gigantes intelectuais do século XX debateram diretamente o problema do engajamento político e de seus limites.

Estabelecidos os pontos centrais do pensamento camusiano, o trabalho irá propor um panorama da situação política brasileira atual, uma breve genealogia da revolta em nossos tempos, que vai sugerir uma interpretação dos meios pelos quais a justiça passou a ser evocada para negar o outro, perdendo seu poder de afirmação revoltada.

Por fim, será proposta uma interpretação da música *Caminhos* e do filme *Bacurau*. Obras de arte gestadas na revolta da segunda década do século XXI, que servirão como ponte para reflexão do sentido de justiça em meio aos fantasmas do totalitarismo e às diversas possibilidades de realização humana que se abrem em nossa sociedade. Será proposta uma espécie de tragédia moderna que iluminará a concepção de justiça camusiana, como a assunção de um limite.

Ao que se tentará propor um contorno para esse limite, que, conforme se indicará, encontra correspondências com a própria afirmação da vida. Viver, como ensina o pensamento absurdo e revoltado, de Damião e do herói trágico de BK, é manter-se na tensão.

2. O ABSURDO

2.1 UMA TRAJETÓRIA ABSURDA: DA MISÉRIA AO PRÊMIO NOBEL

Albert Camus nasceu em uma família pobre da costa da Argélia, à época uma colônia francesa. Seu pai morreu combatendo na Primeira Guerra Mundial, em 1914, um ano após seu nascimento. Diante das dificuldades em manter a família, sua mãe, que trabalhava lavando roupas, decide mudar para a casa da avó materna, em Argel, capital do país. Passam a morar no bairro operário de Belcourt, onde o jovem Camus vive sob o peso da pobreza, e também sob a leveza de um mundo onde podia apreciar uma magnífica natureza¹⁴.

Entre a miséria e o esplendor do sol mediterrâneo brotaram as sementes de um dos mais prolíferos pensamentos do século XX. Um lúcido no século da loucura, olhado sob a ótica das duas grandes guerras mundiais a que assistiu. Camus é um órfão de pai humano e divino, eis que sempre afirmou seu ateísmo. Por outro lado, parece inegável que seu pensamento aponta para uma espécie de panteísmo, de divinização da realidade por ela mesma, imanente, passageira, algo parecido com o que faz o “mestre” entre os heterônimos de Fernando Pessoa, o guardador de rebanhos Alberto Caeiro. “Segredo do meu universo: imaginar deus sem a imortalidade humana¹⁵”.

A mãe de Camus quase não falava. Seu tio, outro habitante de sua casa em Argel, tinha dificuldades em fazê-lo. Ainda assim, aquele que seria um dos maiores dramaturgos, jornalistas e ensaístas das línguas francesas, conseguia se destacar na escola. Nas décadas de 20 e 30, eram raros os filhos de operários que estudavam, privilégio dos filhos de pequenos burgueses e dos funcionários de alto escalão.

Por seu talento precoce, chamou a atenção de Jean Granier, poeta, ensaísta e também seu professor. Um homem que lhe abriu muitas portas e sem o qual, talvez o caminho de Camus nas letras tivesse que ser interrompido.

É importante conhecer sua infância. A linguagem fora para ele uma conquista: seu tio era quase mudo; sua mãe quase não falava;

¹⁴ “Camus, além de demonstrar fidelidade ao seu tempo é, igualmente, fiel às suas origens, mesmo que de forma instintiva. Aliás, somente instintivamente poderia testemunhar sua fonte de vida (o Sol). Viveu e aprendeu a suportar a dor, junto com seus compatriotas, sem deixas que ela se tornasse um contínuo sofrimento, porque a presença estonteante do Sol era a própria presença da vida em sua espontaneidade.” < LEITE, Lourenço. **Ética do Absurdo**. EDUFBA. Salvador. 2017. p. 25>.

¹⁵ CAMUS, Albert. **Cadernos II**. Editora Livros do Brasil. Lisboa. 1964. p. 24.

sua avó se utiliza apenas da linguagem corrente... Albert Camus quis falar por eles. As leituras, os estudos foram para ele uma revolução: ele teve pela linguagem o respeito e o amor que é dedicado ao sagrado¹⁶.

Além de aluno prodígio, Camus era jogador de futebol¹⁷, apaixonado goleiro de um clube amador de sua cidade. Até descobrir a tuberculose, doença da qual raras pessoas se curavam. A morte e o absurdo se mostraram precocemente para Camus também por meio da moléstia física. Ainda que tenha vivido a infância e a adolescência na miséria, a energia do sol mediterrâneo nunca deixou de animar seu espírito.

Camus conclui seus estudos na Argélia. Sua dissertação de mestrado tinha como tema o neoplatonismo, enquanto sua tese de doutoramento tratou de Santo Agostinho e Plotino¹⁸. Todavia, não segue a carreira de professor, impedido pela tuberculose. Àquele momento, já detinha alguma fama nos círculos intelectuais argelinos, e começou sua carreira de escritor com o *O Averso e o Direito*¹⁹.

Pouco depois, passa a dedicar-se ao jornalismo, escrevendo para o *Argel Republicain* junto ao jornalista e ilustrador Pascal Pia, a quem é dedicado *O Mito de Sísifo*. Neste periódico, já demonstra a postura de ativismo político que iria marcar toda sua vida, assim, quando estoura a Segunda Guerra Mundial, é considerado indesejável pelo governo argelino e parte para a França, desembarcando em Paris.

No ano de 1940, a França é invadida pelos nazistas e Camus não hesita em se juntar à resistência francesa, onde colabora com o jornal clandestino *Combat*, que tinha como público principal os jovens de esquerda da época. Enquanto trabalhava e conspirava contra a ocupação alemã, publica *O Estrangeiro*²⁰ e *O Mito de Sísifo*, duas de suas obras mais importantes.

¹⁶ LEITE, Lourenço. **Ética do Absurdo**. EDUFBA. Salvador. 2017. p. 25.

¹⁷ “Assim amei a minha equipe, pela alegria das vitórias tão maravilhosas quanto elas se aliam à fadiga do esforço, mas também por esse estúpido desejo de chorar as tardes de derrota.” <GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 09>.

¹⁸ GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 112.

¹⁹ “O Averso e o Direito é a autobiografia de um ausente que apenas existe porque nunca se mostra. Porque se começa por aí, sempre autobiográficos, sempre recheados de recordações, e o mundo depois “atravessa” as outras biografias. Nessa simultaneidade de avessos, desarma-se a unidade de nossa vida. Não há literatura se não sabemos dar conta disso. É o achado de Albert, 22 anos, estudante de filosofia e letras, argelino de uma Argélia que começa a se mexer ao longo de sua intranquila condição de país colonial” <GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 27>.

²⁰ Sartre comentando o sucesso imediato do livro “Mal saíra dos prelos, O Estrangeiro de Camus obteve a maior aceitação. Toda a gente dizia que “era o melhor livro desde o armistício”. < CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Editora Lisboa. Portugal. 1980. p. 05>.

Nesse período de sua vida, Camus já se tornara um escritor conhecido. *O Estrangeiro* foi um grande sucesso na França desde sua publicação, e hoje é considerado um dos livros mais importantes do século XX²¹. O romance que alçou Camus à condição de grande intelectual francês, junto à peça teatral *Calígula*, também um grande sucesso de crítica, e *O Mito de Sísifo*, publicado pouco depois, compõem o ciclo do absurdo.

Dos três, *O Mito de Sísifo* é o que mais interessa ao presente trabalho, verdadeiro ensaio filosófico, escrito por um não-filósofo, acerca da sensibilidade absurda. Outros dois temas fundamentais do pensamento camusiano florescem no livro: a repetição e o trágico.

O que esse breve esboço biográfico de Camus quer demonstrar é que sua vida e sua obra estão intimamente conectadas. Essa advertência pode parecer trivial, mas, se levada à sério, acarreta importantes consequências. Czesław Miłosz, prêmio Nobel de Literatura, sobre Camus: “Para alguns, como Camus, a filosofia exige um alimento quase carnal e eles se recusam a falar de outra coisa senão do que os toca pessoalmente.”²²

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a esquerda francesa que se unira sob o emblema da resistência contra os nazistas, acaba por apartar-se. Começam as rugas entre Camus e outros intelectuais, em sua imensa maioria, comunistas que por convicção ou fatalidade apoiaram o regime soviético. Camus não hesita em denunciar os crimes de tal regime, como antes denunciara o totalitarismo nazista. Isso o coloca num exílio político entre os pensadores franceses de seu tempo.

Tampouco deixou de apontar para as deficiências definitivas do capitalismo. O alvo principal de sua crítica, mais do que a submissão econômica – eis que a desigualdade, de algum modo, parece inevitável a Camus – é a perda do poder criativo do trabalhador

²¹ “Compreende-se então porque Camus converteu em pó as correntes filosóficas mais importantes da época. Era necessários medi-las com o absurdo como noção e como sentimento. Tratava-se de um conceito que não surgia da capacidade da consciência para fundar conhecimento, mas da própria figura que a realidade faz diante das criaturas. Não era um método, era uma decisão.” <GONZALES, Horácio. *A Libertinagem do Sol*. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 53>.

²² Prêmio Nobel de Literatura em 1980, o polonês escreve sobre sua admiração por Camus, um dos poucos que lhe estendeu a mão quando fugiu da cortina de ferro imposta pelo regime soviético durante a Guerra Fria. “Tinha a impressão de que Camus pertencia a uma espécie bem diferente da dos grandes especialistas que têm a ciência infusa e que resolvem problemas do Texas ou da Indonésia como se se tratasse de um subúrbio. Essa característica de Camus, que era considerada em Paris como um defeito, era explicada por sua falta de treinamento filosófico. Mas o que se entende, em primeiro lugar, por filosofia? **Para alguns, como Camus, a filosofia exige um alimento quase carnal e eles se recusam a falar de outra coisa senão do que os toca pessoalmente.**” <ESTADO DA ARTE. *O interlocutor fraterno – Czeslaw Milosz escreve sobre Albert Camus*. Estadão. Disponível em: <<http://estadodaarte.estadao.com.br/o-interlocutor-fraterno-czeslaw-milosz-escreve-sobre-albert-camus/>>.

moderno. O que degrada o homem e a mulher não é o fato de não possuir tantos luxos quanto outros mais abastados, mas a perversa privação da liberdade suficiente para exercer a grande graça humana: a criação. “Para Camus, a reivindicação do trabalho deve partir do mesmo problema que se coloca Simone Weil: a recuperação da identidade criadora do operário.”²³

Em 1949, Camus faz uma viagem à América do Sul, conhece o Brasil e escreve o conto *A Pedra que Cresce*, que integra o livro *O Exílio e o Reino*. A narrativa se desenrola no Brasil e é fruto direto de uma viagem a Iguape, São Paulo, feita na companhia do poeta Oswald de Andrade. Este é o único conto de sua obra ambientado fora da Argélia ou Europa. Prova incontestemente das fortes impressões que o Brasil lhe deixou.

No dia 23 de julho de 1949, Albert Camus parte para Salvador. Conhece a praia de Itapuã, mas não se banha nas águas Caymmi, pois uma gripe forte que lhe afligia durante sua viagem ao continente americano, volta a atacar. Acompanha uma cerimônia do candomblé e se encanta por uma “Diana negra”²⁴. Ao ver a Baía de Todos-os-Santos estendendo-se a partir da janela de seu hotel, Camus louva sua beleza.

A baía que vejo também da janela do meu hotel estende-se, redonda e pura, cheia de um estranho silêncio, sob o céu cinzento, enquanto as velas paradas que nela se veem aparecem aprisionadas num mar subitamente imobilizado. Prefiro essa baía à do Rio, muito espetacular para meu gosto. Esta, pelo menos, tem uma medida e uma poesia.

“A Bahia já me deu régua e compasso”. Assim canta Gilberto Gil²⁵, coincidentemente aludindo também ao Rio de Janeiro no restante da música. Os dois artistas evocam uma medida baiana. A medida estética, tão cara à Camus quanto a medida ética, parece ter lhe sido sugerida de um modo natural, imanente, pelas formas da Bahia.

Em 1951, o tema da medida surge novamente para Camus. Agora como um grande norteador em sua obra. Ao publicar *O Homem Revoltado*, denso ensaio filosófico que se propõe à genealogia da revolta na modernidade ocidental, mas que, pelo contexto político

²³ GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 79.

²⁴ Cabe destacar o belo excerto que esse encontro propicia “O belo rosto adormecido reflete uma melancolia impassível e inocente. Essa Diana negra me deu uma graça infinita. E quando ela dança, essa graça extraordinária não se desmente. Sempre adormecida, vacila nas pausas da música. Só o ritmo lhe empresta uma espécie de tutor invisível, em torno do qual ela enrola seus arabescos, emitindo, de vez em quando, um grito de pássaro, estranho e lancinante, porém melodioso.” <CAMUS, Albert. **Diário de Viagem**. Editora Record. Rio de Janeiro. 1978. p. 110>.

²⁵ GILBERTO GIL. Música: **Aquele abraço**. Disco: Gilberto Gil: Cérebro Eletrônico. 1969. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zFGMLQ3q15c>>.

da época, ficou marcado, sobretudo, por denunciar os crimes de lógica²⁶ cometidos pelo totalitarismo soviético.

Aqui há o rompimento definitivo com a esquerda francesa, especialmente, seu grande amigo e parceiro intelectual Jean-Paul Sartre. Diante da divinização da história, do sacrifício dos homens e mulheres de hoje em nome de uma promessa de amanhã comunista mais justo, Camus apela para uma medida, um limite à revolta humana para que respeite o absurdo sem pretender eliminá-lo.

Outra polêmica política que envolve Camus e à qual ele não se esquivava é a questão da independência argelina. Quanto a esta questão, os fatos históricos parecem ter lhe suplantado politicamente. Argelino que entendia que seu país era composto por duas nações diversas, a de árabes e a de franceses-argelinos, Camus queria apostar numa convivência pacífica sem sobreposição entre eles, intermediada pela França em uma transição que garantisse os direitos civis a todos.

Isto de modo algum significa que Camus era um colonialista, pelo contrário, é visível em sua obra a crítica ao racismo sofrido pelos árabes nas colônias da França, e às formas de dominação totalitárias de um povo por outro. Ademais, a questão de fundo era sua recusa profunda em admitir que uma causa, por mais valor que tivesse, pudesse se sobrepor a uma vida humana ao ponto de legitimar o assassinato.

Em 1957, Albert Camus se torna o segundo escritor mais jovem a receber o prêmio Nobel de Literatura. No decorrer de uma das conferências que proferiu nas universidades suecas, um argelino pró independência lhe fez repetidos questionamentos, taxando Camus de moralista e conservador por ser contrário à causa dos rebeldes argelinos que incitavam a guerra civil.

Cabe ressaltar que os grupos extremistas promoviam ataques terroristas em nome da causa argelina, chegando a colocar bombas em trens públicos. Tendo em vista essa situação, foi que Camus proferiu uma frase que se tornou célebre. Ao ser questionado, mais uma vez, pelo estudante argelino sobre a busca pela justiça que a luta dos rebeldes

²⁶ “Se o nosso tempo admite tranquilamente que o assassinato tenha suas justificações é devido a essa indiferença pela vida que é a marca do niilismo.” < CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 17>

representava, Camus asseverou: “Estão colocando bombas nos trens da Argélia, minha mãe pode estar em um desses trens, se essa é tua justiça, eu prefiro a minha mãe.”²⁷

O limite camusiano é o amor que sente pelos entes conhecidos, um respeito ao presente incontestável ainda que frente às melhores promessas de perfeição no futuro. Frise-se, Camus não é de modo algum um quietista, um conformado, ao contrário, sua obra e vida são de engajamento.

O que Camus deixa claro, em meio à turbulência comum às revoltas é que, sem respeitar o limite da vida – a tensão no absurdo –, por mais justo que seja seu apelo inicial, essa revolta descambará em totalitarismos ou anarquias que tornam indiferente o valor da vida. Em nome de uma eficácia, social, econômica ou moral são cometidos os maiores crimes contra a humanidade. Não por menos, o argelino ficou reconhecido como consciência moral de sua geração²⁸.

Aqui está um dos maiores intelectuais das letras francesas, um dos grandes pensadores do século XX e, em seu enalço, o absurdo. Camus faria a viagem de Sens para Paris de trem, no bolso do seu paletó estava guardado o bilhete que o deixaria na capital das luzes na segurança dos trilhos. Foi aí que seu editor, Marcel Gallimard, lhe ofereceu uma carona, aceita de bom grado.

No dia 4 de janeiro de 1960, a bordo do Facel-Vega, o absurdo vem abraçar seu distinto combatente e amante. Um acidente ceifa a vida de Camus, que morre na hora. Gallimard morre quatro dias depois no hospital. A fina e cortante ironia da morte daquele que talvez seja o maior escritor argelino, parece uma piscadela de olho do absurdo à sua obra. A trágica comprovação da realidade de seus textos.

Albert Camus se foi, entre os grandes da história, e ficaram suas sugestões de uma ética baseada em uma justiça possível e real. Acima de tudo, permanecem entre nós o absurdo e a revolta, pulsando mais e mais. O argelino, que não os descobriu, foi quem

²⁷ Essa história é relatada, por testemunhas presenciais, no filme “Albert Camus: Um Combate contra do absurdo”, 1997, dirigido por James Kent.

²⁸ Observe-se essa exposição das correspondências do grande poeta francês André Gide “Carta de Roger Martin Du Gard a Gide: “pela sua hombridade e a lógica de seu pensamento que se expande como uma grande árvore, creio que Camus é, de sua geração, quem mais esperança suscita, aquele que podemos ao mesmo tempo admirar e gostar.” Resposta de Gide a Roger Martin Du Gard: “A respeito de Camus, concordo inteiramente consigo.” <GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 49>.

levou mais longe suas consequências. Os próximos subcapítulos descreverão esse raciocínio.

A primeira coisa é não desesperar. Não prestemos ouvidos demasiadamente àqueles que gritam, anunciando o fim do mundo. As civilizações não morrem assim tão facilmente; e mesmo que o mundo estivesse a ponto de vir abaixo, isso só ocorreria depois de ruírem outros. **É bem verdade que vivemos uma época trágica. Contudo, muita gente confunde o trágico com o desespero. “O trágico”, dizia Lawrence, “deveria ser uma espécie de grande pontapé dado na infelicidade”. Eis um pensamento saudável e de aplicação imediata. Hoje em dia, há muitas coisas que merecem esse pontapé²⁹.**

2.2 O ABSURDO COMO SENTIMENTO

Ao tratar de um conceito, o impulso natural é defini-lo, apresentar pormenorizadamente os seus contornos e diferenciações. Um dos cernes do pensamento camusiano é que ele não se presta a tal tarefa. O absurdo somente pode ser enumerado, apresentado em seus termos gerais, jamais esgotado. Com essa advertência em mente, é preciso empreender um esforço para apresentar o ambiente absurdo. Este será o ponto de partida para pensar os possíveis desdobramentos que este produz na vida de homens e mulheres modernos.

Muitos outros escritores chegaram ao ponto de onde Camus inicia sua corrida. Essa distância do mundo, essa diferença inquietante que existe em tudo aquilo que ultrapassa nosso corpo, as inúmeras contradições que um único corpo pode abrigar, tudo isto fora notado antes. Não há originalidade no que se refere à constatação do absurdo, que é, num sentido moderno, muito próxima da constatação da morte de Deus e da falibilidade da razão.

O que justifica, então, que Camus seja conhecido como “filósofo do absurdo”? A inovação do argelino são as consequências que ele implica ao absurdo. É possível dizer que o absurdo surge como uma náusea, uma angústia profunda em que o homem se vê enredado, e quanto mais força faz para se libertar, mais apertado torna-se o nó. Assim, enumera-se uma das características deste sentimento, que é o de não poder ser eliminado.

Todavia, o absurdo é uma entre tantas paixões que arrebatam homens e mulheres. O que leva a percepção de que o absurdo não pode ser entendido como princípio

²⁹ CAMUS, Albert. **Núpcias**. Editora Nova Fronteiri. São Paulo. 1969. p. 46.

unificador, ou uma lente sob a qual o mundo encontrar-se-ia reconstituído. O absurdo é justamente o sentimento da fragmentação, da impossibilidade de dar um sentido coeso para o destino humano. O seu sentimento é o terror da ausência de um propósito.

A percepção, ainda inconsciente, do absurdo, algo como a silhueta de uma serra surgindo ao fim da estrada, incrusta nos humanos marca do destino: o inexplicável, o aleatório. “A morte, o pluralismo irreduzível das verdades e dos seres, a ininteligibilidade do real, o acaso, eis os polos do absurdo.³⁰” Assim, Jean-Paul Sartre enumera, ao comentar *O Estrangeiro*, os fenômenos e evidências que fazem um homem ou uma mulher sentirem o absurdo “como estado de fato, como dado original”³¹.

O absurdo impõe duras verdades das quais não se pode fugir. Ele se instala diante da evidência da finitude humana, da morte de Deus e da constante quebra dos ídolos que servem como seu substituto. Ante o ardor provocado pela ausência de um propósito que dote a vida de um sentido superior, homens e mulheres sentem também um estranho prazer.

Subitamente lhes arrebatada uma nostalgia de unidade, a qual não se pede que alivie a dor, mas que seja fornecido um motivo para suportá-la³².

Essa nostalgia, como outros termos centrais de Camus, somente pode ter sua evidência apontada, ser alvo de uma enumeração. Um apetite pelo absoluto, uma vontade profunda de se reconciliar, um desejo faminto para negar essa distância que nos põe separados do mundo: eis algumas descrições cabíveis. Camus oferece uma imagem cotidiana, portanto, concreta de tal sentimento:

Conheço outra evidência: diz-me que a homem é mortal. No entanto, podem-se contar os espíritos que tiraram disso as conclusões extremas. **É preciso considerar como uma referência permanente, neste ensaio, a constante separação entre o que imaginamos saber e o que realmente sabemos**, o consentimento prático e a ignorância simulada que nos levam a viver com ideias que, se verdadeiramente experimentássemos, deveriam perturbar toda a nossa vida. Diante dessa **contradição inextricável do espírito, compreenderemos com precisão e sem reserva o divórcio que nos separa de nossas próprias criações**. Enquanto o espírito se cala no mundo imóvel de suas esperanças, **tudo se reflete e se organiza na unidade da sua nostalgia**. Mas, **em seu primeiro movimento, o mundo se**

³⁰ CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Editora Lisboa. Portugal. 1980. p. 07

³¹ *Idem*.

³² Para alguns existencialistas cristãos, como Kierkegaard, é a partir dessa busca visceral por um sentido que Deus se mostra ao ser humano.

racha e se desmorona: uma infinidade de clarões resplandecentes se oferece ao conhecimento. **É preciso desistir, para sempre, de reconstruir com isso a superfície familiar e tranquila que nos daria paz ao coração**³³.

Diante da nostalgia, o ser humano busca organizar o mundo numa unidade que o reconcilie, porém, assim que sua razão se movimenta, brota a consciência de que o mundo é fragmentado. A própria razão não poderá preencher o fosso que nos separa do absurdo. Por outro lado, não se pode desprezar o valor do racional para a vida humana.

O argelino não nega a razão e seu papel central na vida do homem. Pelo contrário, ele o afirma sem hesitações. Numa das partes de *O Mito de Sísifo*, dedicada a estabelecer um diálogo com alguns pensadores existencialistas, Camus aponta que:

Esse salto pode, pelo menos, nos esclarecer um pouco mais sobre a verdadeira natureza do absurdo. Sabemos que ele só vale num equilíbrio, que ele está antes de tudo na comparação e jamais nos termos dessa comparação. Mas Chestov faz justamente assentar todo o peso em um dos termos e destrói o equilíbrio. **Nossa vontade de compreender, nossa nostalgia de absoluto só são explicáveis justamente na situação em que podemos compreender e explicar muitas coisas. É inútil negar completamente a razão. Ela tem sua ordem, na qual é eficaz.** E é exatamente a da experiência humana. Eis aí por que estamos querendo tornar tudo claro. Se não o conseguimos, **se o absurdo então surge, é precisamente no encontro dessa razão eficaz, porém limitada, com o irracional sempre renascido**³⁴.

A razão é útil. “O absurdo é a razão lúcida que constata seus limites.³⁵”. E é por conta de sua imensa utilidade, que acabamos esperando da razão mais do que ela pode alcançar. Almejamos que tudo seja explicável, a lucidez ante o absurdo ensina que há um limite a encarar.

2.3 DESDOBRAMENTOS DO ABSURDO: ENTRE A TRAGÉDIA E AS SAÍDAS NILISTAS

Viviane Mosé, filósofa e poetisa brasileira, em sua tese de doutorado “Nietzsche e a Grande Política da Linguagem” propõe uma genealogia da linguagem, fazendo coro ao alerta do “antifilósofo” dionisíaco: mesmo com Deus morto, sua sombra permanece.

³³ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 32-33. Camus, nesse mesmo trecho, assevera que “Há outras evidências, devo repetir que elas não são interessantes em si mesmas, mas pelas consequências que delas se podem extrair.”

³⁴ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 50.

³⁵ *Idem*. p. 26.

Parece evidente a relação entre essa sombra e o absurdo. Deus representa, acima de tudo, um princípio unificador, um propósito que aponta para outro mundo. E a principal distinção desse reino dos céus é a de estar livre dos absurdos e das injustiças inexplicáveis que a Terra engendra.

Levando adiante esta relação, aparece em seguida a afinidade entre as posturas de fuga ao absurdo, e aquele sentido primordial que Nietzsche dá ao niilismo. Uma vez que o homem se encontra fadado ao absurdo, este culmina por se confundir com sua própria vida, assim, o absurdo está inscrito na condição existencial humana. Em síntese: negar o absurdo é negar a própria vida.

O homem socrático, ao qual Nietzsche contrapõe o homem trágico³⁶, é aquele que, ao encarar o absurdo, se refugia na denúncia de suas contradições, acreditando ser o bastante para superá-lo: para dialeticamente eliminá-lo do mundo. A filosofia platônica prega a busca pelo verdadeiro, por um mundo livre do mal das contradições, as quais não seriam mais que obstáculos no caminho da razão rumo à totalidade e o bem. Nietzsche então denuncia a vontade de verdade como vontade de falsear o mundo. “Suprimimos o mundo verdadeiro: que mundo nos resta? O mundo aparente, talvez?... Mas não! Com o mundo verdadeiro suprimimos também o aparente!³⁷”.

Assim que o homem desiste de buscar o mundo verdadeiro, cessa também seu desejo de caluniar o mundo real, portanto, não é mais necessária a dicotomia entre uma aparência e uma realidade. Isso que se vê, que toca o corpo em impressões transitórias, a suposta aparência, é que é a realidade. Se não a “verdadeira” realidade, ao menos a possível.

Para o trágico, a finitude e a transformação a que todos os entes estão sujeitos deixam de ser tidos como erros da percepção que implicam um desvio do caminho do bem, assumindo que a vida, e suas contradições inevitáveis, supera a razão. O devir, eterno vir a ser de todas as coisas, é um dos fundamentos do absurdo.

³⁶ “Na tragédia, o destino do herói é sofrer – como sofreu Dionísio quando foi despedaçado – para fazer o espectador aceitar o sofrimento como integrante da vida. Segundo Nietzsche a finalidade da tragédia é produzir alegria. <MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2017. p. 38-39>

³⁷ No mesmo trecho do livro: “O mundo verdadeiro passível de ser alcançado pelo sábio, pelo devoto, pelo virtuoso. - Ele vive no interior deste mundo, ele mesmo é este mundo. (Forma mais antiga da ideia, relativamente inteligente, simples, convincente. Transcrição da frase: "eu, Platão, sou a verdade".)” <NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1984. p. 18>

Arrebatado pelo sentimento do absurdo, que tem como uma das faces mais dilacerantes a consciência da finitude, surge no homem aquilo que Camus chamou de “matemática sangrenta de nossa condição”³⁸: a certeza da morte. Quando o homem se vê exilado do prometido “mundo verdadeiro”, só lhe resta essa terra trágica, em que tudo se transforma e de onde brotam tanto a dor quanto a beleza, não raramente, um do outro.

Uma vez que soa o alerta do absurdo aos ouvidos humanos, só resta o combate ou uma nova negação. Mosé define muito bem a lógica que está por trás da negação do mundo tal qual ele se apresenta em magnitude e indiferença:

A marca metafísica é a crença na duração, ou, como quer Nietzsche, a “necessidade psicológica” de permanência. **A compreensão do mundo, a partir de um princípio ordenador, tem o poder de aliviar e tranquilizar o ser humano diante da extrema exuberância das forças plurais da vida**, o alívio do mundo que, como eterno vir-a-ser, acarreta inevitavelmente a dor e a morte. **Encarar a inexistência de qualquer intencionalidade do devir é o mesmo que encarar o caráter enigmático da vida e da morte.** Mas não é somente o tenebroso da existência, representado no sofrimento e na perda, que provoca o medo do desconhecido, mas a exuberância, a grandeza, a pluralidade, a plasticidade, o excesso. Encarar a vida sem o filtro da forma, da ordem, do conhecimento, da linguagem, parece insuportável ao ser humano. Desse modo, **forjar uma identidade, uma unidade e uma intenção para a vida é traduzir o desconhecido em conhecido, uma tradução que nasce de uma busca que não é a de qualquer espécie de causa, mas de uma causa que tranquilize, que alivie**³⁹.

Uma vez colocado defronte ao absurdo, o impulso inicial de um indivíduo imerso no niilismo é negá-lo veementemente. Camus assevera que “o niilismo não é apenas desespero e negação, mas sobretudo vontade de negar e desesperar.”⁴⁰ A crescente subjetivação do mundo pelo homem, que é uma das marcas da modernidade, relaciona-se diretamente com as mudanças comportamentais geradas com o avanço tecnológico e, mais recentemente, com as redes sociais. Há que considerar também as proliferações de notícias falsas e a “morte da verdade” que lhe seguiram. Chegamos ao ponto de negar as verdades mais elementares, coisa que os terraplanistas exemplificam de modo hiperbólico

³⁸ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 30.

³⁹ MOSE, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Nobilis. Rio de Janeiro. 2018. p. 33.

⁴⁰ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 83.

e tragicamente real. Tudo isto contribui para que a necessidade de fugir ao absurdo se torne ainda mais opressiva.

Arranjando camusianamente a célebre frase de Sartre, podemos inferir que hoje o absurdo são os outros. O aumento da intolerância racial, vide os casos de racismo nos estádios de futebol, indica que o fundamento da identidade que certos grupos de indivíduos têm buscado afirmar é, justamente, a negação do outro. Tomemos a causa do povo negro como ponto de reflexão sobre a aludida negação.

Há uma clara ascensão cultural do povo negro na sociedade globalizada, os questionamentos e denúncias da opressão histórica são cada vez mais radicais. Esse processo põe em xeque os valores de uma cultura baseada na suposta superioridade dos brancos, até então dominantes. A revolta negra que gera uma onda cultural em que “pretas e pretos estão se amando⁴¹” é deslumbrante, e seu poder parece anunciar o fim de uma cultura niilista que se sustenta a partir de uma falsa superioridade. Esse processo é dolorido, traumático, e também extremamente positivo.

A mudança, o vir-a-ser, implica a dor. A dor é constitutiva do processo de materialização das forças. A busca metafísica por duração, através da afirmação da unidade, da identidade, da substância, é a busca por “um mundo-verdade – um mundo em que são se sofra”. **Se toda manifestação da vida implica uma dose de dor, toda tentativa metafísica de estabelecer um mundo sem dor é uma luta contra a vida. O pensamento maduro de Nietzsche, chamado por ele de pensamento trágico, parte da afirmação da dor, da mudança, da morte como condição de uma relação alegre e afirmativa com a vida.** (...) Nietzsche reenvia, enfim, toda a avaliação sustentada pela ideia de verdade, de unidade, a uma multiplicidade subjacente de forças, uma pluralidade de pulsões que se encontram, se chocam. **Onde se acreditava ser o lugar da origem, do igual a si mesmo, do eterno, há o infinito desdobramento, a constante transformação, a proliferação de sentidos, a criação.**⁴²

O que Mosé evidencia nessa passagem é que a dor está implícita na mudança. Assim, seria impossível imaginar um movimento negro que se proponha a transvalorar os valores dominantes brancos, sem gerar e sofrer dor nessa marcha. Todavia, também o movimento negro corre o risco de, partindo de uma reivindicação por novos valores,

⁴¹ RINCON SAPIÊNCIA. Música: **Ponta de Lança (Verso Livre)**. Disco: Ponta de Lança (Verso Livre). 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U9I-PNoslxA>>.

⁴² MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Nobilis. Rio de Janeiro. 2018. p. 34.

passar a acreditar que estes são, enfim, sua verdade definitiva, sua unidade e sua substância final. Ignorando que o percurso de transformação jamais pode ter fim, porque isso seria o fim da vida.

O desenrolar da revolta pode descambar tanto num processo de revalorização de uma cultura gloriosa e a afirmação consistente da estupidez do racismo quanto numa exaltação totalitária da negritude que descambe numa negação do branco. Também a revolta negra, ao sair do plano da evidência racional para a ação transformadora, está sujeita à degradação pelo niilismo.

Tomemos, como aparte, a discussão sob o lugar de fala, que pode ser descrito, essencialmente, como uma forma de dar protagonismo às vozes historicamente silenciadas. Tal discussão é inevitável para uma efetiva democratização da sociedade. Todavia, quando se evoca o lugar de fala de modo totalitário, subjugando totalmente o discurso à identidade de quem o profere – problema que se estende ao feminismo e outros movimentos de cunho identitário –, exemplifica-se como estes movimentos notadamente emancipatórios podem descambar no niilismo reacionário.

Embora fuja aos limites desse trabalho discutir profundamente a problemática do lugar de fala, cabe assinalar a resposta de um dos maiores escritores vivos da língua portuguesa, o moçambicano Mia Couto, quando questionado sobre o tema. Sobretudo, porque sua fala aponta para as ricas possibilidades da literatura, das quais o direito e a justiça, imersos no absurdo, não podem prescindir.

Aliás, a escrita se for interrogada desse ponto de vista de lugar de fala, ela morre. Eu só escrevo porque eu viajo para outros. Eu sou mulher, eu sou criança, eu sou velho, eu sou outros quando escrevo. Se eu só posso escrever naquela competência do meu lugar de fala como compete, eu só falo sobre mim. Então, o que cria a literatura é essa capacidade de ser um outro⁴³.

O ressentimento é uma paixão que atinge todos os seres humanos, eis um fato óbvio que cabe enumerar. Se a negação do branco para exaltação do negro surge de um ressentimento niilista que precisa da negação do outro para se afirmar, não é estranho que cresça também o ressentimento do branco diante da valorização daquilo que é negro, ainda mais quando ele sente tal fenômeno como uma ameaça para seu mundo.

⁴³ NASCIMENTO, Mirella. **UOL TAB #159**: Questionar lugar de fala “mata” literatura, diz Mia Couto. UOL. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/24/uol-tab-159-mia-couto.htm>>.

É a lógica dos valores superiores, marca de uma cultura niilista e um dos corolários da divisão platônica entre o mundo “verdadeiro” e o real, que implica a necessidade de negar o outro para se afirmar. Nietzsche denuncia que, ao pretender dotar o mundo de uma identidade “verdadeira”, o que o humano deseja não é propriamente chegar a uma espécie de realidade ontológica do ser, mas algo muito mais elementar e prático: o humano cria a “verdade” para colocar o mundo sob seu controle.

Dessa forma, passa a chamar tudo aquilo que foge ao seu domínio de falso, difama o transitório, e só pode descansar quando se sente cercado pela estabilidade que a verdade proporciona. O que o homem almeja com a verdade é o controle da realidade. Assim, a rejeição daquilo que é diferente é, em muitos sentidos, lógica: para prevalecer a identidade, deve-se rejeitar a diferença. Tudo aquilo que ameaça a coesão e a hierarquia da moral é tido como danoso. Aqui, nascem as patrulhas ideológicas.

O racista é um retrato daquele que não consegue criar. Necessita também da raça, um dos fatores identitários mais básicos, para distinguir entre o que lhe é idêntico e o que lhe difere. Como seu corpo fraco não consegue suportar as diferenças, precisa negá-las. Ele lê qualquer situação em termos de bem e mal, certo e errado, para garantir que continua envolto pela construção abstrata que lhe garante estabilidade, e a qual prefere ao mundo real.

Se a verdade está na identidade, o que é diferente de si só pode representar a mentira, portanto, o erro, o mal, o imoral. O racista, incapaz de lidar com as diferenças pulsantes da vida, encontra um modo de unificar sua existência, negando-as.

A esquematização que a linguagem instaura se torna a referência de realidade; a verdadeira realidade é o mundo fixo, idêntico a si mesmo, enquanto a vida é vista como aparência, como engano, como ilusão. É essa inversão que Nietzsche busca desfazer em sua transvaloração dos valores. E o lugar, por excelência, desta inversão é a lógica; a lógica é um modelo excludente⁴⁴.

Quando o absurdo lhe envolve, o seu sistema moral oferece as saídas: para reafirmar sua unidade e fugir da angústia, basta rejeitar tudo que é mudança e diferença e, como consequência lógica, excluir de seu mundo aquilo que se nega, inventando um mundo “verdadeiro”, onde reina a identidade.

⁴⁴ MOSE, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Nobilis. Rio de Janeiro. 2018. p. 145.

2.4 OS DIREITOS HUMANOS NA ENCRUZILHADA DO ABSURDO

O atual momento histórico em que os direitos humanos são propagandeados como a salvaguarda da humanidade é também o tempo do desvelamento das opressões, que denunciam a ausência histórica de direitos e dignidade a que certos grupos sociais foram – e ainda são – submetidos. Diante dessa encruzilhada, continuemos com a causa dos movimentos negros como ponto para reflexão. Ressalve-se que, não se pretende oferecer uma compreensão total do movimento, muito menos submetê-lo a um julgamento.

O objetivo desta análise é outro: uma tentativa de realizar a genealogia da revolta em nossos tempos. Uma das principais revoltas é a do povo negro, que, em alguns sentidos, opõe-se a revolta dos conservadores, portanto, competem eventuais comparações

O processo de opressão sofrido historicamente pelo povo negro é brutal, um dos retratos mais cruéis do absurdo. Todavia, não se trata de quanta dor foi causada, ou mesmo quem são os culpados por essa dor. Não é essa a genealogia que interessa, por não caber nos limites deste trabalho.

O progressismo, sobretudo a partir do discurso dos direitos humanos, havia alcançado o posto de regulador moral da sociedade. Não era possível mais ser racista ou homofóbico ou machista publicamente e sair impune. Acontece que essa “moral de vanguarda”, dos novos tempos onde se requer que reine um universalismo democrático, não resistiu a alguns trancos da história, que parece indicar uma grande crise nesse modelo de democracia.

A contar da primeira década do século XXI, uma moral de sentido progressista foi alçada à categoria de hegemônica e, assim, passou a regular a comunicação política, sem permitir muitos desvios. O que, por vezes, culminava em atacar os desviantes com argumentos moralistas, excluindo e negando o debate a quem não se enquadrasse nas “regras do jogo”. A reação cozinhou por algum tempo, mas quando estourou foi rápida e, ao menos no Brasil, os defensores do universalismo democrático parecem ainda não ter entendido o que os atingiu.

Finalmente um homem público disse, ou passou a ter atenção por dizer, que o brasileiro tem orgulho de ser conservador, que até se pode aceitar a existência dos homossexuais, mas é necessário apontar o incômodo que essa existência gera. Atente-se às nuances: não se trata de eliminar fisicamente o homossexual, embora esse discurso

gere também tal efeito nefasto. O fato decisivo é que, como desvia da identidade que certos grupos querem afirmar, esse indivíduo tem que viver marcado por uma diferença que se nem sempre o excluí, resguarda-o sob condição. Ele precisa ser *aceito*, logo, é sempre julgado, avaliado segundo critérios morais.

Há um caos cultural provocado pela emergência do feminismo e do movimento negro, entre outras das diversas pautas sociais que se propõem a transvalorar os valores. O veganismo, por exemplo, faz uma crítica radical à concepção de que a vida humana tem qualquer prevalência sobre a de outros animais, que também são sensitivos. Neste cenário, os mais sábios se sentem perdidos, eis o absurdo como sentimento enredando homens e mulheres em suas teias.

Inevitável que surja o anseio: quem, então, nos garante critérios morais? Feitos esses questionamentos, já não parece nem um pouco estranho que políticos messiânicos que respondem a problemas complexos de forma rasa, mas direta, ganhem o coração das massas, especialmente quando apelam a uma retórica moral estabilizadora da desordem.

Parecia loucura, e talvez tenha sido precisamente o apelo à loucura, a fuga dos critérios racionais aos quais boa parte da população se sente estrangeira; o tempero definitivo para o prato da revolta conversadora. O que os setores progressistas não parecem entender é que o outro lado agora se coloca como porta-voz da revolução. São eles que trarão a mudança contra o sistema político que acusam de corrupto e falido.

Para completar o sentido da ironia absurda em que a política brasileira está imersa, a campanha do principal partido de esquerda à época das eleições foi: “O Brasil feliz de novo”. O agente que historicamente se erigiu como revolucionário, agora assume o posto da nostalgia. É essa mais do que aparente inversão dos valores que este trabalho pretende investigar.

2.5 A GENEALOGIA DO ABSURDO BRASILEIRO

Viviane Mosé aponta, ao final de sua tese de doutorado, que a linguagem é o grande campo de realização da política na contemporaneidade. Sua obra data de 2004, mas talvez esteja mais atual em 2019.

O que seu pensamento [de Nietzsche] vigorosamente crítico apresenta é a necessidade de repensarmos a linguagem como instituição, como obra. A linguagem, além de ser nossa mediação

com o mundo, é base do nosso sistema moral. Pensar a transvaloração dos valores é colocar em questão a linguagem⁴⁵.

É assim que a poetisa capixaba conclui seu trabalho, apontando para uma disputa valorativa que se tornou cotidiana e apresenta-se como o principal fator nos últimos pleitos democráticos, da quase totalidade dos países ocidentais.

Perante certa parcela da sociedade, não podem existir mais homens que “ajudam” na casa, porque sob tal formulação há oculta a definição da mulher como a primeira responsável pelo trabalho doméstico. Já não se diz mais que o cabelo crespo é “cabelo ruim”, porque isto implica uma hierarquia entre o cabelo liso e o crespo, entre o preto e o branco, que não se justifica por nenhum outro argumento que não seja a moral niilista dos valores superiores. Inversamente, outra parcela reivindica a família, a segurança da comunidade, a necessidade de se proteger do que é diferente. Enfim, uma moralidade “tradicional” que estabilize o mundo.

Aqui, retorna a evidência aludida um pouco acima, Deus não mais indica ao homem o que é bom e o que é ruim, mas sua sombra permanece na linguagem. A linguagem ainda hierarquiza, cria “valores superiores”, que nada mais são que véus sobre o vazio. Entretanto, os inúmeros atritos gerados em torno da linguagem, mais do que a colocar em disputa, a alargaram ao ponto da anarquia.

Eis, mais uma vez, o absurdo em nossos tempos: a linguagem fragmentada de tal maneira que não só destrói as narrativas tradicionais, mas permite recriá-las mesmo contra os consensos históricos e, em última instância, contra as evidências dos fatos mais básicos. A disputa sobre o sentido do que ocorreu no Brasil em 1964, golpe de Estado ou (contra)revolução, nos dá uma imagem concreta desse problema.

É preciso, portanto, realizar uma genealogia do absurdo em nossos tempos. Para ser coerente com a obra camusiana, é preciso asseverar que o absurdo é latente à condição existencial. Apontar que o absurdo *do e no* cotidiano parece mais frequente em 2019 não implica elevar tal época a uma condição *especial* de absurdos. No entanto, os acontecimentos desse período indicam um choque entre a razão e a realidade que se

⁴⁵ MOSE, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Nobilis. Rio de Janeiro. 2018. p. 204.

assemelha a outros momentos-chave da história ocidental. Momentos de totalitarismo, mas também de uma criação artística fecunda⁴⁶. Momentos de dor e de glórias.

Como chegamos a este ponto em que o sentimento do absurdo pulsa mais forte em cada um de nós? Partindo de um pensamento absurdo, a característica desses tempos é o aprofundamento do divórcio entre o homem e o mundo, entre o apelo por sentido e sua gritante ausência. Se o absurdo se alarga, ou, em outros termos, se o sentimento do absurdo prolifera, suas consequências na realidade também se mostrarão mais drásticas.

O Brasil tem o número de homicídios de um país em guerra civil, o que talvez evidencie que se vive uma guerra civil não declarada. A saída vencedora no debate público para resolver este problema é, comicamente, armar a população. Eis o desespero devorando o coração dos brasileiros, que tentam fugir do absurdo às cegas e acabam por se afundar ainda mais.

Nesse ponto é interessante por um parêntese. O século XX assistiu, além do holocausto e dos *gulags*, ao terror irracional, desproporcional e bizarro de uma bomba atômica. Se computados os resultados do absurdo, o século XXI talvez ainda seja pacífico. Por outro lado, mesmo a bomba atômica, o holocausto e os *gulags*, auges da irracionalidade e negação de um século, pareciam significar algo. Em nosso tempo, o vazio de significação adquire um novo teor de profundidade⁴⁷.

Um dos polos do absurdo é a necessidade humana de significar, o outro polo é a evidência de que não há nada que possa unificar o mundo ou mesmo o humano. No fosso que se instala entre a exigência e o silêncio, o homem constrói uma ponte. Tal ponte é feita de palavras, e estas palavras tentam atingir um significado, usualmente, transcendente.

À medida que os significados decaem, por se tornarem desgastados, pelo crescimento das contradições que suscitam, a evidência da fragmentação do mundo cresce em termos algo de proporcionais. Desprovido de Deus e perdido sob sua sombra, que vai desfazendo aos poucos, o impulso humano é buscar uma forma de subterfúgio.

⁴⁶ A época áurea da música popular brasileira são os anos 70, anos de ditadura militar. Não à toa, os bons nomes da nova geração de músicos brasileiros retornam à década de Alucinação, Clube da Esquina e Transa. BK assume a inspiração da capa do disco Castelo e Ruínas em Milton Nascimento.

⁴⁷ O seriado *The Leftovers*, produzido pela HBO, é uma obra de arte absurda que reflete bem tais questões.

Uma das marcas de nossa era é a complexidade⁴⁸. Essa complexidade que talvez não torne o sentimento do absurdo especial, certamente o faz abrigar um número ainda maior de contradições. Parece natural que surjam também um número maior de subterfúgios: fórmulas do sucesso rápido e garantido⁴⁹ ao lado de ascetismos ainda mais radicais, dúvidas cada vez mais contundentes sobre o “eu” passo a passo com a necessidade urgente de formar uma identidade. Sob esses dilemas é que se vive na modernidade tardia.

Apresentados os contornos, enumerados seus dilemas e contradições, instalou-se o sentimento do absurdo. Assim, foi possível sugerir as nascentes que desembocaram na rachadura social e moral sob a qual vive o Brasil e o ocidente democrático, vide os recentes acontecimentos em quase toda a América Latina.

A partir de agora, este trabalho se concentrará mais detidamente em uma das consequências do absurdo: a revolta. Será apresentada brevemente a genealogia da revolta que Camus desenvolve em *O Homem Revoltado*, procurando ressaltar como o problema da justiça está latente em suas reflexões.

⁴⁸ A teoria luhmanianna dos sistemas, lê a modernidade sob esse prisma.

⁴⁹ É alto o número de fraudes criadas e alimentadas sem nenhuma base fática que não a exploração de um desesperado desejo humano de “sucesso”. A Telexfree, escândalo de pirâmide financeira demonstra bem o caso. Eis o absurdo mais uma vez.

3. DO ABSURDO À REVOLTA

3.1 AS DUAS FACES DA REVOLTA: UM NÃO QUE INSTITUI UM SIM

Que vem a ser a revolta? E qual percurso que sai do absurdo para nela desembocar? A revolta parte de uma evidência racional, porém, seus desdobramentos respondem, sobretudo, aos sentimentos. Ela se apresenta por meio da razão, a partir de uma tomada de consciência que pretende impor um limite ao absurdo, ou, mais propriamente à angústia e opressão que lhe seguem. A partir do instante em que o homem ou a mulher dizem basta a certa violação, que já se suportou muito e de agora em diante não será possível conviver com a injustiça, ei-los revoltados.

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado deste "não"? Significa, por exemplo, "as coisas já duraram demais", "até aí, sim; a partir daí, não"; "assim já é demais", e, ainda, "há um limite que você não vai ultrapassar". **Em suma, este não afirma a existência de uma fronteira.** Encontra-se a mesma ideia de limite no sentimento do revoltado de que o outro "exagera", que estende o seu direito além de uma fronteira a partir da qual um outro direito o enfrenta e o delimita. **Desta forma, o movimento de revolta apoia-se ao mesmo tempo na recusa categórica de uma intromissão julgada intolerável e na certeza confusa de um direito efetivo** ou, mais exatamente, na impressão do revoltado de que ele "tem o direito de...". **A revolta não ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão. E por isso que o escravo revoltado diz simultaneamente sim e não. Ele afirma, ao mesmo tempo em que afirma a fronteira, tudo que suspeita e que deseja preservar aquém da fronteira.** Ele demonstra, com obstinação, que traz em si algo que "vale a pena..." e que deve ser levado em conta. **De certa maneira, ele contrapõe à ordem que o oprime uma espécie de direito a não ser oprimido além daquilo que pode admitir.** Ao mesmo tempo em que repulsa em relação ao intruso, **há em toda revolta uma adesão integral e instantânea do homem a uma certa parte de si mesmo. Ele faz com que intervenha, portanto, implicitamente, um juízo de valor,** e tão pouco gratuito que o sustenta em meio aos perigos⁵⁰.

A revolta surge do absurdo porque o sentimento do absurdo, ao arrebatrar o homem, lhe impõe certas noções e limites que contrapõem o que é, de fato, a existência humana ao que se imaginava que tal existência deveria ser. Encarado o absurdo, que está

⁵⁰ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 27-28.

no hiato interminável dessa comparação existencial, homens e mulheres sofrem com a sugestão consciente de não serem mais que frutos de uma contingência dos cosmos. Seres lançados a um mundo que, mais do que irracional, é irracionável.

Eis o ser humano imerso em perigos e confusões que o absurdo lhe impõe, no centro do devir, do eterno jogo de destruição e criação que se desenrola em toda forma de vida. Ao proferir seu não revoltado às dores do absurdo, ele diz sim a uma parte de si que não pode ser tocada e subjugada, a qual ele se dispõe a morrer para proteger. Ao negar que se viole essa parte que o compõe, homens e mulheres também afirmam que essa parte de si marca um limite.

Se prefere a eventualidade da morte à negação desse direito que ele defende, é porque o coloca acima de si próprio. **Age, portanto em nome de um valor, ainda confuso, mas que pelo menos sente ser comum a si próprio e a todos os homens. Vê-se que a afirmação implícita em todo ato de revolta estende-se a algo que transcende o indivíduo, na medida em que o retira de sua suposta solidão, fornecendo-lhe uma razão para agir.** Mas cabe observar que esse valor que preexiste a qualquer ação contradiz as filosofias puramente históricas, nas quais o valor é conquistado (se é que um valor se conquista) no final da ação. A análise da revolta nos leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo. **Por que se revoltar, se, em si, nada há de permanente a ser preservado?**⁵¹

Usando uma imagem contemporânea para destrinchar a revolta sugerida por Camus, pode-se ter em conta que a indiferença do indivíduo perante o mundo se torna evidente com a galopante massificação social. Vivemos o reino dos algoritmos que calculam tudo previamente e minam as possibilidades de uma “escolha livre”. Assim, surge uma percepção de que o ser humano está sujeito a sistemas que não o consideram mais do que dados a computar. Nenhum corpo contemporâneo pode fugir desses influxos, os quais, ao tempo que impõe a identificação, a subjugam à condição de mero dado em um programa que não se sabe bem a função, e, não só, também vende e lucra com esses dados.

A resposta a essa intromissão em seu ser é a revolta, em meio ao caos de dados e informações que se torna o mundo contemporâneo.

⁵¹ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 30.

Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos. (...) Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. **Eu me revolto, logo existimos**⁵².

. Homens e mulheres exigem a clareza. Eles negam a intromissão absurda de serem tratados de forma algorítmica e afirmam uma parte de si mesmos que se recusam a ver subjugada, resgatando uma humanidade que parece roubada pelos sistemas.

3.2 A REVOLTA ANTES E DEPOIS DO SAGRADO

Para completar essa descrição inicial da revolta, cabe assinalar que, como resposta ao absurdo, a revolta é exigência de clareza e ordem para o mundo. Assim, a revolta quer uma resposta para o absurdo, mas esta resposta tem de se dar em termos humanos, ou seja, racionais. “Se no mundo sagrado não se encontra o problema da revolta, é porque, na verdade, nele não se encontra nenhuma problemática real, já que todas as respostas são dadas de uma só vez⁵³”

A revolta nos é tão atual porque a sociedade ocidental moderna é dessacralizada e, em substituição à ordem divina, o ser humano pretende, a todo custo, construir uma ordem humana, ou seja, uma ordem racional.

As razões da revolta podem modificar-se de acordo com o tempo e lugar. Todavia, decorrem essencialmente da tomada de consciência do homem acerca de sua liberdade diante do mundo, porém essa consciência nem sempre é ladeada por uma realização da liberdade⁵⁴. “Em sociedade, o espírito da revolta só é possível em grupos nos quais uma igualdade teórica encobre grandes desigualdades de fato.⁵⁵”

Para Camus, o problema da revolta, como o problema do absurdo, não está concentrado em suas evidências iniciais, mas em suas consequências. Diante da morte de

⁵² CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 38.

⁵³ *Idem*. p. 36.

⁵⁴“No plano da evidência, tudo o que se pode realmente extrair da observação de Scheler é que, de acordo com a teoria da liberdade política, existem em nossas sociedades um crescimento no homem da noção de homem e, pela prática dessa mesma liberdade, a insatisfação correspondente. A liberdade de fato não aumentou proporcionalmente à tomada de consciência do homem.” <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 36>.

⁵⁵ *Idem*. p. 35.

Deus, ou da percepção do absurdo, a revolta surge no coração humano clamando por uma ordem. Onde os sofrimentos e prazeres da vida têm uma explicação, uma justificação.

Mas, antes que o homem aceite o sagrado, e também a fim de que seja capaz de aceitá-lo, ou, antes que dele escape, e a fim de que seja capaz de escapar dele, há sempre questionamento e revolta. **O homem revoltado é o homem situado antes ou depois do sagrado e dedicado a reivindicar uma ordem humana em que todas as respostas sejam humanas, isto é, formuladas racionalmente.** A partir desse momento, qualquer pergunta, qualquer palavra é revolta, enquanto, no mundo do sagrado, toda palavra é ação de graças. **Seria possível mostrar, dessa forma, que nele só pode haver para a mente humana dois universos possíveis: o do sagrado (ou, em linguagem cristã, o da graça) e o da revolta. O desaparecimento de um equivale ao surgimento do outro,** embora este aparecimento possa ocorrer sob formas desconcertantes⁵⁶.

Assim, o desenrolar da revolta é o desenrolar das tentativas humanas de realizar a justiça. Se já não se pode esperar que Deus se encarregue de punir os culpados e louvar os justos, é preciso que o próprio ser humano desempenhe essa tarefa decisiva.

A menos que se fuja à realidade, seria necessário que nela encontrássemos nossos valores. **Longe do sagrado e de seus valores absolutos, pode-se encontrar uma regra de conduta? Esta é a pergunta formulada pela revolta⁵⁷.**

Apresentado o questionamento central da revolta, o próximo ponto do texto será avaliar, de forma breve e recortada, como homens e mulheres dos séculos XIX e XX desempenharam suas empreitadas revoltadas para respondê-lo. Devido ao recorte do presente trabalho serão abordados apenas alguns capítulos do ensaio *O Homem Revoltado*, onde Camus tratou extensamente da revolta metafísica e da revolta histórica.

⁵⁶ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 36-37.

⁵⁷ *Idem*. p. 36.

4. A REVOLTA

4.1 A REVOLTA METAFÍSICA

A revolta metafísica pode ser entendida, de um modo mais direto, como os passos revoltados de uma inteligência que, partindo da exigência em falar de igual para igual com Deus, chega à negação fatal da divindade em prol das construções puramente humanas, ou seja, da história. Assim, é com os grandes pensadores e artistas que ela é desenvolvida e identificada. A revolta histórica é a execução e expansão, no plano político, das reflexões e conclusões acerca da moral que a revolta metafísica suscita.

A revolta metafísica pode ser descrita inicialmente⁵⁸, a partir dos poetas românticos, os quais tentam elevar-se, individualmente e partindo de atitudes⁵⁹, ao mesmo patamar de Deus. Querem dirigir-se diretamente a Ele⁶⁰. Porém, é a partir de uma interpretação da revolta em Ivan Karamazov, personagem central de uma das obras primas de Dostoiévski, *Os Irmãos Karamázov*⁶¹, que Camus enxerga a revolta metafísica dar seu passo decisivo.

O problema que a revolta, enfim, impõe não é somente de falar no mesmo nível da divindade e sim de contestá-la diretamente. Ivan, assim, “inaugura a empreitada essencial da revolta, que é substituir o reino da graça pelo da justiça.⁶²” Em um mundo absurdo, no qual uma criança inocente morre sem explicação, ao acaso, Ivan não poderia aceitar uma ordem divina que coexista com tamanho sofrimento desprovido de razão. Ainda que Deus efetivamente existisse⁶³.

⁵⁸ Na ordem sugerida pelo livro, o capítulo que trata de Sade aparece antes. Todavia, não haverá espaço neste trabalho para tratar de todos os capítulos. Outrossim, a leitura de Camus sobre Sade será abordada abaixo em relação com o filme *Bacurau*, buscando evidenciar alguns dos aspectos da revolta “traduzidos” pela película.

⁵⁹ “Muito mais do que o culto do indivíduo, o romantismo inaugura o culto do personagem. E nesse ponto que ele é lógico. Sem esperar mais pela regra ou pela unidade de Deus, obstinado em se reunir contra um destino inimigo, ansioso em preservar tudo que pode ser ainda preservado nesse mundo consagrado à morte, o revoltado romântico busca uma solução na atitude. A atitude congrega em uma unidade estética o homem entregue ao acaso e destruído pela violência divina. O ser que deve morrer resplandece, ao menos, antes de desaparecer, e esse esplendor é a sua justificação.” <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 76>.

⁶⁰ “A ambição do revoltado romântico era falar com Deus de igual para igual. O mal responde ao mal, a soberba à crueldade. O ideal de Vigny é, por exemplo, responder ao silêncio com o silêncio. Sem dúvida, trata-se de aliar-se ao nível de Deus, o que já é blasfêmia. Mas não se pensa em contestar o poder nem o lugar da divindade. Essa blasfêmia é reverente, já que toda blasfêmia, afinal, é uma participação no sagrado.” <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 80>.

⁶¹ Essa é a obra favorita de Freud para interpretar a modernidade.

⁶² CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 81.

⁶³ “Se o sofrimento das crianças”, diz Ivan, “serve para completar a soma das dores necessárias à aquisição da verdade, afirmo desde já que essa verdade não vale tal preço.” <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 81>.

Em nome de quê, Ivan confronta Deus e o subjuga? Em nome de um princípio maior: a justiça. Ivan recusa o mistério da fé, que aceita o sofrimento humano para pavimentar o caminho aos céus⁶⁴, e exige que a salvação da criação seja total ou simplesmente não seja. Assim, se a verdade divina alberga o absurdo de sofrimentos que não se podem explicar, se um único ser não está ao alcance de sua salvação, ela é inaceitável.

Mesmo se Deus existisse, Ivan não se renderia a ele diante da injustiça infligida ao homem. No entanto, uma reflexão mais longa sobre essa injustiça, uma paixão mais amarga, **transformaram o "mesmo que existas" em "tu não mereces existir", e, depois, em "tu não existes"**.⁶⁵

A partir do momento em que não há mais Deus, tudo é permitido. Para Camus, é justamente com o “tudo é permitido” que se inicia, de fato, a história do niilismo contemporâneo. O dilema de Ivan, consentir ou não com a morte de seu pai, o leva ao extremo da revolta metafísica, que é a revolução metafísica.

Assim, destronado Deus, é o momento de o próprio homem assumir seu lugar e, então, tornar-se Deus.

Mas o que é ser Deus? É reconhecer justamente que tudo é permitido; recusar qualquer lei que não seja a sua. Sem que seja necessário desenvolver raciocínios intermediários, percebe-se assim que **tornar-se Deus é aceitar o crime (a ideia favorita, igualmente, dos intelectuais de Dostoievski)**⁶⁶.

Ser Deus é deter o poder infinito da criação, é não ter que se sujeitar a nada que não seja a si próprio. É abandonar qualquer proibição *a priori* e criar as próprias regras. A decisão de Ivan é famosa na literatura mundial. Ele permite que seu pai seja morto e retira da morte de Deus a conclusão de que se pode também matar o outro.

Dessa forma, Camus descreve como consumada a revolução metafísica. Ao submeter Deus ao julgamento moral o ser humano o expurgou definitivamente da Terra. A questão que surge a partir de então é: como orientar uma ação moral sem Deus? O que pode substituir a divindade como referencial maior, sancionador das condutas humanas?

⁶⁴ “Ivan recusa a dependência profunda que o cristianismo introduziu entre sofrimento e verdade”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 81>.

⁶⁵ *Idem*. p. 139.

⁶⁶ *Idem*. p. 85.

Em outros termos, como conceber uma justiça sem pressupor que há um Deus para salvaguardá-la? Esta é o dilema com a qual o ser humano se defronta a partir de então⁶⁷. As manifestações históricas da revolta partem daí: sem Deus, é chegada a hora de instituir o reino da justiça terrena, construído pelas mãos dos homens.

Destarte, abandonado o divino, o que a revolta busca de forma incessante e cega é instituir uma nova moral. O revoltado “sem sabê-lo, está em busca de uma moral ou de um sagrado. A revolta é uma ascese, embora cega. Se o revoltado ainda blasfema, é na esperança do novo Deus.⁶⁸”

O apelo final da revolta é a clareza, a unidade da criação humana, é uma exigência de que a vida faça sentido. Por isso, a revolta parte de situações absurdas, nas quais irrompem também a consciência da opacidade e do devir do mundo. Porém, o que o ser humano consegue com essa exigência nem sempre é dotado da nobreza e energia que fundamentaram o seu protesto. Ao desviar da tensão que produz a revolta em suas origens, um não que também impõe um sim, o ser humano descamba na negação absoluta da vida ou em sua aceitação absoluta, ambas niilistas.

Não é a revolta em si mesma que é nobre, mas o que ela exige, mesmo se o que ela obtém é ainda ignóbil. Pelo menos é preciso saber reconhecer o que ela obtém de ignóbil. **Toda vez que ela deifica a recusa total daquilo que existe, o não absoluto, ela mata. Toda vez que ela aceita cegamente aquilo que existe, criando o sim absoluto, ela mata.** O ódio ao criador pode transformar-se em ódio à criação ou em amor exclusivo e desafiador àquilo que existe. Mas em ambos os casos ela desemboca no assassinato e perde o direito de ser chamada de revolta. **Pode-se ser niilista de duas maneiras, e em ambos os casos por um excesso de absoluto⁶⁹.**

Ao final de sua apresentação da revolta metafísica, Camus reconhece que “não são a revolta e sua nobreza que iluminam atualmente o mundo, mas sim o niilismo.⁷⁰” O

⁶⁷“A partir do instante em que o homem submete Deus ao juízo moral, ele o mata dentro de si mesmo. Mas qual é então o fundamento da moral.? Nega-se Deus em nome da justiça, mas a ideia de justiça pode ser compreendida sem a ideia de Deus? Não nos achamos desse modo no absurdo? E com o absurdo que Nietzsche se defronta. Para melhor superá-lo, ele o leva a extremos: a moral é a última face de Deus que deve ser destruída, antes que se comece a reconstrução. Deus não mais existe e não garante mais nossa existência; o homem deve ter a determinação de fazer para existir.” <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 89>.

⁶⁸ *Idem*. p. 138.

⁶⁹ *Idem*. p. 139.

⁷⁰ *Idem*. p. 144

revoltado, no início de sua peregrinação pretendia empreender uma conquista de seu próprio ser, uma resposta formulada pela razão que pudesse justificar as dores do mundo.

Matar Deus e erigir uma Igreja é o movimento constante e contraditório da revolta (...) Ele baniu Deus de seu céu, mas, com o espírito de revolta unindo-se abertamente ao movimento revolucionário, a reivindicação irracional da liberdade vai paradoxalmente usar como arma a razão, o único poder de conquista que lhe parece puramente humano. **Morto Deus, resta a humanidade, quer dizer, a história que é preciso compreender e construir. O niilismo, que, no próprio seio da revolta, afoga então a força de criação, acrescenta apenas que se pode construí-la por todos os meios disponíveis**⁷¹.

Pela lei do imperialismo espiritual⁷² o ser humano terminou por usar o crime para erigir seu conturbado império terreno. No qual, ao aceitar qualquer meio para realizar seus fins, degenera estes fins em niilismo, e, ao pretender abolir de uma vez as dores, acaba por crescê-las.

4.2 A REVOLTA HISTÓRICA

Estabelecidos os contornos da revolta metafísica, Camus parte para análise dos meios pelos quais essa revolta se desenrolou ao sair do plano da moralidade para o campo da ação política. O essencial nessa parte da reflexão é sugerir como, saindo do apelo por sentido e justiça, o homem chegou a formas revolucionárias que traíam revolta, corrompendo-a pelo ressentimento e niilismo.

A partir do momento, pelo contrário, em que o espírito de revolta, ao aceitar o "tudo é permitido" e o "todos ou ninguém", visa refazer a criação para garantir a realeza e a divindade dos homens, **a partir do momento em que a revolução metafísica se estende do moral ao político, tem início uma nova empresa, de alcance incalculável, também oriunda, é preciso assinalar, do mesmo niilismo**⁷³.

Antes de adentrar nesse capítulo decisivo para o trabalho, pois é aqui que o debate sobre a justiça ganhará corpo, sobretudo, na análise da polêmica instaurada entre Camus e Jean-Paul Sartre quando da publicação de *O Homem Revoltado*, é preciso tecer uma ressalva de suma importância.

O conceito de 'revolta' em Camus é utilizado como prisma pelo qual ele observa a moderna história ocidental, buscando responder se diante do absurdo é possível que o

⁷¹ *Idem.* p. 142.

⁷² *Idem.* p. 140.

⁷³ *Idem.* p. 86.

humano encontre uma “culpabilidade racional⁷⁴” ou se está fadado à negação da vida em si mesmo e nos outros, em outros termos, ao niilismo.

Esse conceito é aplicado por Camus a diversas situações históricas e à interpretação de alguns dos pensadores decisivos para a modernidade ocidental, de forma que, a revolta é analisada sob vários vieses, no interior da mesma obra. Para a presente pesquisa, a dimensão fundamental da revolta é a de ser uma resposta ao absurdo da existência. Se o absurdo é a morte, a dor e opacidade do mundo, a revolta é a vida que clama por uma razão para suportar esses absurdos. “Assim, eu extraio do absurdo três consequências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão⁷⁵”.

4.2.1 A Razão no lugar de Deus

O primeiro grande marco da revolta histórica são os regicídios. Na França revolucionária de 1789, ocorre a derrocada definitiva do direito divino e a afirmação de que, dali em diante, seriam os homens a escrever suas próprias regras, aflorando o direito positivado. Assim, em termos racionais, a justiça separa-se definitivamente de Deus. A contar desse marco será a vontade geral, baseada no contrato social, que ditará os destinos humanos.

Não é mais Deus quem dita o certo e o errado. É a lei, expressão da vontade geral, salvaguardada pelo contrato social, que define como o homem pode ou não pode agir. A formulação da ideia de contrato social é imprescindível a esse momento histórico, pois, trata-se de buscar uma nova legitimação para o poder. Uma vez rompida a ordem absolutista outrora reinante, a classe burguesa precisava de bases sob as quais estabelecer seu domínio⁷⁶.

A legitimação do poder que decorria, em última instância, da crença irracional em um direito divino passa a decorrer da vontade do povo e dos princípios transcendentais, extraídos da razão, que norteariam o direito instituído pelos homens: o império das leis⁷⁷.

⁷⁴ *Idem.* p. 23.

⁷⁵ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 25.

⁷⁶ “Os jacobinos reforçaram os princípios morais eternos, na própria medida em que acabavam de suprimir o que amparava até então esses princípios. Pregadores de evangelho, quiseram fundamentar a fraternidade no direito abstrato dos romanos”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 176>.

⁷⁷ “A religião da razão estabelece de modo natural a república das leis. A vontade geral é expressa em leis codificadas por seus representantes”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 166>.

Assim, opera-se a substituição de Deus pela razão, e do rei pelo povo, que é considerado a partir da abstrata vontade geral.

Não obstante o salto revolucionário que essa mudança de referenciais apresentou, a razão ainda atuava de forma transcendente, ditando leis universais que regulamentavam as condutas humanas. O problema é que tais leis, apoiando-se em princípios eternos e virtudes formais, não representa concretamente uma vontade geral. Assim, principia a denúncia, que ecoa na revolta contemporânea, de que esta razão divinizada pelos burgueses só produz uma moral formal e vazia.

A lei pode efetivamente reinar desde que seja a lei da Razão universal. Mas ela não o é nunca, e sua justificação se perde se o homem não for naturalmente bom. Chega o dia em que a ideologia entra em choque com a psicologia. Não há mais então poder legítimo. A lei evolui, portanto, até confundir-se com o legislador e um novo bel-prazer. Para onde voltar-se? Eila sem rumo; ao perder sua precisão, ela torna-se cada vez mais imprecisa até fazer de tudo um crime. A lei continua a reinar, mas não tem mais limites fixos. Saint-Just previra essa tirania exercida em nome do povo silencioso. "O crime hábil erigir-se-ia em uma espécie de religião, e os bandidos estariam na arca sagrada." Mas isso é inevitável. **Se os grandes princípios não têm fundamentos, se a lei só exprime uma tendência provisória, ela só é feita para ser transgredida ou imposta.**

Camus aponta que os jacobinos apostaram em princípios universais e eternos quando suprimiam a base desse princípio, que é Deus. Ao eleger a razão como guia, a burguesia não tinha o recurso do mistério para apelar. Diante das contradições entre os princípios que proclamava, e o efetivo desenrolar da exploração irracional e desmedida que o capitalismo impôs ao ser humano, os vícios da ordem burguesa restaram expostos.

A burguesia não reinou durante todo o século XIX senão apoiando-se nesses princípios abstratos. Só que, menos digna que Saint-Just, ela usou esse apoio como álibi, praticando em todas as ocasiões os valores contrários.

A virtude formal burguesa, enfim, acaba desgastando-se por suas contradições inerentes. Afinal, os princípios universais a que aludem não podem, por si só, fundamentar as ações. Sem embargo, com a moral burguesa das formas a razão ainda detém o papel de mediadora, o homem ainda tem referenciais fixos sob os quais erigir suas ações: uma ordem, preexistente às experiências históricas, a qual é possível se reportar.

A partir do instante em que os princípios eternos, assim como a virtude formal, forem questionados, no momento em que todo valor for desacreditado, a razão se porá em movimento, não se apoiando em mais nada além dos próprios sucessos (...) Começa o reino da história, e, identificando-se unicamente com a sua história, o homem, infiel à sua verdadeira revolta, de agora em diante estará fadado às revoluções niilistas do século XX, que, ao negarem toda moral, buscam desesperadamente a unidade do gênero humano através de um extenuante acúmulo de crimes e de guerras. **A revolução jacobina, que tentava instituir a religião da virtude, a fim de nela criar a unidade, suceder-se-ão as revoluções cínicas, quer de direita ou de esquerda, que vão tentar conquistar a unidade do mundo para finalmente fundarem a religião do homem.** Tudo o que era de Deus será de agora em diante dado a César⁷⁸.

O drama se intensifica quando é dado o próximo passo.

4.2.2 A Razão como instrumento de conquista

Camus aponta Hegel como o pensador decisivo para o rompimento da transcendência da razão. Com o grande idealista alemão, a razão adentra na história e a transcendência dos princípios, enfim, é destruída⁷⁹. Hegel retira o mundo da imobilidade que a moral formal burguesa lhe proporcionava e o impele aos movimentos incessantes da história.

A razão que antes era um instrumento de regulação da vida humana, torna-se instrumento de conquista. E esse é o aspecto central para o presente capítulo. Não nos interessa, como não o faz Camus, adentrar nas imensidões da filosofia hegeliana, e sim apontar o movimento histórico do qual a razão é dotada após seu pensamento. Se, em Hegel, a história é o desenrolar do embate entre senhor e escravo, assim, também a razão, que se vê submetida à história, passa a se submeter a lógica da oposição, da força⁸⁰.

O mundo de hoje só pode ser, aparentemente, um mundo de senhores e de escravos, porque as ideologias contemporâneas, aquelas que modificam a face do mundo, aprenderam com Hegel a pensar a história em função da dialética domínio/servidão. Se,

⁷⁸ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 178.

⁷⁹ *Idem*. p. 191.

⁸⁰ “A originalidade incontestável de Hegel foi ter destruído definitivamente toda transcendência vertical, e sobretudo a dos princípios. Sem dúvida, ele restaura, no devir do mundo, a imanência do espírito. Mas esta imanência não é fixa, ela nada tem em comum com o panteísmo do pensamento antigo. O espírito está, e não está, no mundo; ele aí se faz e estará. O valor fica, portanto, adiado para o fim da história. Até lá, não há critério próprio para fundamentar um juízo de valor E preciso agir e viver em função do futuro. Toda moral torna-se provisória.” < CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 191>.

sob o céu deserto, na primeira manhã do mundo, só há um senhor e um escravo; **se até mesmo do deus que transcende a humanidade, há apenas uma ligação senhor-escravo, não pode haver outra lei no mundo a não ser a lei da força**⁸¹.

O Homem Revoltado foi escrito após a Segunda Guerra Mundial, o contexto político era o da Guerra Fria. É de suma importância ter esse fato em mente, pois ajuda a situar as reflexões que a obra propõe. Camus escreve num momento em que a humanidade havia saído de duas guerras de amplo alcance em sequência. Ele se propõe a estudar como o espírito da revolta se desenvolveu durante esse processo histórico.

Um dos fatos políticos decisivos em seu tempo é a de denúncia dos campos de concentração mantidos pelo regime soviético, enquanto a imensa maioria da esquerda francesa apoiava o regime, a despeito dos “excessos” que os *gulags* podiam representar, o apoio à luta comunista, por seus fins justos, deveria prevalecer.

É contra esse apelo aos fins, adiados para um paraíso hipotético e usados como justificativa para meios políticos cínicos e assassinos que Camus encarna a sua própria revolta.

4.2.3 A profecia comunista

Esse trecho da pesquisa irá se concentrar em discutir como a teoria marxista, que, associada ao leninismo pintou as cores da revolução histórica empreendida pelos russos, apelava para o messianismo utópico, como realização final de seus objetivos. Destruída a transcendência dos princípios racionais e dando sequência à lógica de Hegel, só resta ao homem a lei da força. É possível que desse mundo em que reina a força advenha a justiça? É uma das questões que Marx propõe-se a responder com sua teoria.

Não cabe ao recorte aqui proposto discutir a teoria marxista de modo abrangente, nem mesmo como Camus destrincha a teoria marxista, senão no aspecto que fornece fundamentos para ação política e a realização da justiça. Com o comunismo, Marx promete o fim da história e a supressão das contradições inerentes à luta de classes, que até agora fora a história da humanidade, e continuará a ser até o advento do reino da justiça comunista⁸².

⁸¹*Idem*. p. 183.

⁸² “Mas a árdua marcha para um futuro reconciliado define, contudo, o pensamento de Marx. Hegel e o marxismo destruíram os valores formais que iluminavam para os jacobinos a estrada reta dessa história feliz. No entanto, preservaram a ideia dessa marcha para a frente, confundida simplesmente por eles com o

Em brevíssima síntese, o que Marx aponta em sua teoria é que o capitalismo, por suas próprias contradições, estava fadado a crises sucessivas que o conduziriam à destruição. Desse embate final entre as classes, que é a posição representada pelo capitalismo na narrativa marxista, surgiria, enfim, o reino da justiça dos homens, intermediado pela ditadura do proletariado: o comunismo. Cabe destacar a grande influência do positivismo e a esperança na razão científica que marcavam o espírito da época em que Marx vivia.

O positivismo mostra com muita clareza as repercussões da revolução ideológica do século XIX, da qual Marx é um dos representantes, e que consistiu em colocar no fim da história o Paraíso e a Revelação que a tradição colocava na origem do mundo. **A era positivista, que sucederia necessariamente à era metafísica e à era teológica, devia assinalar o advento de uma religião da humanidade**⁸³.

Antes de prosseguir na crítica que Camus faz ao comunismo como ele efetivamente se apresentou historicamente, cabe destacar que o argelino exalta a exigência ética que Marx introduz à sua teoria.

Nós lhe devemos uma ideia que é o desespero de nosso tempo — mas aqui o desespero vale mais do que qualquer esperança —, a ideia de que, quando o trabalho é uma degradação, ele não é vida, se bem que ocupe todo o tempo da vida. Quem, apesar das pretensões dessa sociedade, pode dormir em paz, sabendo que doravante ela tira seus prazeres medíocres do trabalho de milhões de almas mortas? **Ao exigir para o trabalhador a verdadeira riqueza, que não é a do dinheiro, mas a do lazer ou da criação, ele reivindicou, a despeito das aparências, a qualidade do homem. Ao fazê-lo, podemos afirmar com convicção, ele não quis a degradação suplementar que foi imposta ao homem em seu nome**⁸⁴.

Feita a ressalva, é hora de encarar a face da teoria marxista que culminou por legitimar a instituição de um regime político que promoveu o assassinato racionalizado. Conforme alerta Camus: “Nossos criminosos não são mais aquelas crianças desarmadas que invocavam a desculpa do amor. São, ao contrário, adultos, e seu álibi é irrefutável: a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes.”⁸⁵

progresso social e afirmada como necessária”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 256>.

⁸³ *Idem*. p. 274

⁸⁴ *Idem*. p. 273.

⁸⁵ *Idem*. p. 14.

Camus identifica a proposta de instituição de um reino da justiça, que marca fundamentalmente o socialismo, sobretudo, o chamado socialismo científico, como uma continuação de uma história iniciada pelo cristianismo. Em oposição aos gregos, que viam o mundo como cíclico, portanto, sem uma meta a atingir, o pensamento cristão inaugura a noção de que a vida humana pressupõe uma sequência ordenada, ao final da qual se encontrará o céu ou o inferno.

Pela ideia de mediação, o cristianismo é grego. Pela noção de historicidade, ele é judaico e voltará a ser encontrado na ideologia alemã. Entende-se melhor esse corte ao ressaltar a hostilidade dos pensamentos históricos em relação à natureza, considerada por eles como um objeto não de contemplação, mas de transformação. **Tanto para os cristãos quanto para os marxistas, é preciso dominar a natureza. Os gregos acham que é melhor obedecer-lhe. O amor dos antigos pelo cosmos é desconhecido pelos primeiros cristãos, que, de resto, esperavam com impaciência um fim do mundo iminente**⁸⁶.

Como o cristão, que afirma “o meu reino não é deste mundo”, o adepto da religião comunista vive na espera de um futuro anunciado, uma promessa poderosa, mas totalmente desconhecida. “O messianismo científico de Marx é de origem burguesa. O progresso, o futuro da ciência, o culto à técnica e à produção são mitos burgueses que se constituíram em dogma no século XIX.⁸⁷” É a partir de uma crença desmedida na razão que Marx anunciará o advento do mundo reconciliado.

O ateísmo marxista é absoluto. No entanto, restitui o ser supremo à estatura do homem. “A crítica da religião termina na doutrina de que o homem é para o homem o ser supremo.” Sob esse ângulo, o socialismo é assim um empreendimento de divinização do homem e assumiu algumas características das religiões tradicionais. Esta reconciliação é em todo o caso ilustrativa quanto aos aspectos cristãos de todo messianismo histórico, mesmo revolucionário. A única diferença reside numa mudança de sinal. **Tanto em Maistre quanto em Marx o fim dos tempos satisfaz o grande sonho de Vigny, a reconciliação do lobo e do cordeiro, a marcha do criminoso e da vítima para o mesmo altar, a reabertura, ou a abertura, de um paraíso terrestre**⁸⁸.

Confiando no grande poder humano, a razão, é que Marx irá fundar seu ideal de realização da justiça. Porém, a partir de Hegel, a transcendência dos princípios está

⁸⁶ *Idem.* p. 250.

⁸⁷ *Idem.* p. 252.

⁸⁸ *Idem.* p. 253.

quebrada e também a razão está submetida à história, dado que esta é a constante e interminável dialética entre senhor e escravo.

Nas veias da história, corre a força. Assim, o uso da razão não mais regula o homem em busca de uma justiça abstrata, e sim o impele a conquistar a justiça dentro das condições materiais em que se encontra, ou seja, a partir da força.

Então a doutrina de Marx sanciona o autoritarismo e a ditadura como meios indispensáveis para lograr a justiça dos homens. Que essa ditadura carregasse injustiças momentâneas era pouco relevante diante do destino glorioso que ela abriria. “Mas todo socialismo é utópico, sobretudo o socialismo científico. A utopia substitui Deus pelo futuro. Ela identifica o futuro e a moral; o único valor é o que serve a esse futuro. Esta razão por que quase sempre foi coercitiva e autoritária.⁸⁹”

Estabelecidos os contornos da profecia comunista, é chegado o momento de analisar de forma mais detida suas consequências históricas no regime soviético. O que vai preparar o terreno para apresentar a divergência que se instaurou entre Camus e Sartre sobre o sentido da justiça e do engajamento político no pós-Segundo Guerra Mundial.

4.2.4 Sartre e Camus: o trágico da moral *versus* o existencialista da determinação

Ao publicar *O Homem Revoltado*, Camus rompeu, não só intelectualmente, mas também suas amizades, com a maior parte da esquerda francesa da época. E foi com Jean-Paul Sartre, escritor existencialista, que ele travou uma das maiores polêmicas do século XX.

Excede aos limites deste trabalho avaliar a obra de Sartre e confrontar suas ideias com as de Camus. O que se irá investigar é a posição política, embasada brevemente pela teoria, que ambos tomaram em relação ao regime soviético durante a Guerra Fria.

Quando o mundo se polarizou com Estados Unidos e União Soviética travando uma batalha ideológica definitiva para os rumos da humanidade, Sartre converteu-se em um dos grandes suportes intelectuais do comunismo. Sua teoria filosófica não era marxista. O francês apostava numa liberdade radical do ser humano, a qual não era bem compatível aos determinismos de Marx. Todavia, por uma questão de engajamento político, Sartre defendia o regime soviético.

⁸⁹ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 273.

Não se tratava, portanto, de concluir se Marx estava certo ou errado, mas, de engajar-se em busca da justiça, a ação contra a injustiça era o essencial. Para Sartre, o ser humano é contingente ao mundo, uma das premissas que lhe assemelham a Camus. Desta contingência, ele retira a conclusão de que: sendo um ser jogado ao mundo, sem destinações prévias, o ser humano tem como seu fundamento primordial a ação.

A primeira é o caráter autoconstitutivo da existência humana: o indivíduo não é para depois agir; ele é agindo, fazendo(-se), o que significa dizer que ele é livre – a escolha e a ação não são momentos subordinados a uma essência ou natureza previamente dada, mas coincidem com a existência. O ser da realidade humana é seu fazer, seu agir. A segunda implicação é a abertura constante da existência à história, e, reciprocamente, a perpétua disponibilidade do plano histórico à liberdade humana⁹⁰.

O ser humano é constituído pela historicidade, já que suas ações repercutem em outros seres, também dotados de suas próprias liberdades, que somadas formam a totalidade da experiência humana, que é a história. Embora a contingência possa submetê-lo a resultados imprevisíveis, *o agir* tem o poder efetivo de transformar a história, já que a história é composta justamente pelas ações⁹¹.

Partindo desses pressupostos, a história forma uma totalidade perante à vida. Assim, o ser humano deve engajar-se na realidade, para, a partir de suas ações, projetar a liberdade total para a existência. E é aqui que Camus se separa radicalmente de Sartre, pois, se o homem é pura liberdade, como quer Sartre, seria impossível concluir que o engajamento político em prol da justiça deve ser mais benéfico do que lutar a favor da escravidão. Se não há nada além da história, esta iria se justificar por si. Destarte, só poderia regida pela lei da eficácia e não por um determinismo teleológico.

Sartre, por seu turno, acusava Camus de um moralismo ingênuo, que apelava para valores transcendentais que não resolviam problemas fáticos. Ao constituir um limite moral para a ação política, o argelino estaria colocando a justiça e a liberdade sob o julgo da possibilidade abstrata, sem se engajar efetivamente para realizar a transformação do mundo.

⁹⁰ SILVA, Francisco Amsterdan Duarte da. **Sartre, Camus e o problema do engajamento político**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2018. p. 133.

⁹¹ *Idem* pp. 136

Camus observa: **“Não se deve insistir na feiura para fundar o trágico; sem beleza, amor ou perigo seria fácil viver.” Quer dizer: não haveria tragédia nas mazelas do mundo; ela começa quando a vida nos marca com suas tensões cotidianos e com suas plenitudes.** Enquanto Meursault gosta da praia, bronzeia seu corpo e brinca com a espuma das ondas em sua boca, Roquentin, o herói de *A Nauséa*, é um intelectual que sente a “revelação da existência. É a náusea entendida como desvendamento da consciência no mundo, como inevitável descoberta da carga falsificante que pode existir em qualquer relacionamento, mas que sabe não haver relacionamento sem essas falsificações. Sobre isto, Meursault nada sabe. Ele simplesmente vive o presente com a indiferença de quem acredita já não estar mantendo distâncias entre o ser e o aparecer. **Camus por isso é um trágico.** Os acontecimentos vêm carregados de destruição quando o ponto de partida se estabelece na felicidade pessoal, na conciliação íntima e particular com universo. Sartre não é um trágico. Nele as mortes não são decorrência do embate de peças da realidade, que carregam razões antagônicas embora igualmente compreensíveis e similarmente irredutíveis. Não estão no caráter das coisas. São, sim, mortes “políticas”, que demonstram ter a responsabilidade individual uma consistência pegajosa e ambígua que pode conduzir à heroicidade, mas também ao sacrifício inútil, pairando, de resto, a dúvida de se as duas coisas não são iguais⁹².

Sartre entendia que a violência era legítima e, no mais das vezes, o único meio viável para erigir um futuro em que a liberdade não estivesse cooptada por sistemas opressores. Mais do que a discussão teórica que embasa as duas posições, cabe retomar o fato de que elas se inseriram em um contexto histórico muito bem definido.

Quando os campos de concentração soviéticos, e os outros excessos do regime revolucionário passaram a ser de conhecimento geral, Camus não hesitou em usar de sua escrita para pronunciar seu não revoltado ao totalitarismo. Sartre, por seu turno, continuou a apoiar o regime. Eram tempos em que o destino da humanidade se encontrava entre

⁹² GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 48.

duas opções bem definidas e a tomada de posição era urgente, decisiva, transformadora. E é contra essa euforia da transformação total que Camus se insurge.

O argelino é um trágico. Por mais que homens e mulheres possam lutar para diminuir o mal no mundo, ele ainda existirá. É impossível eliminar o absurdo.

Para nós, o que ressoa nos confins dessa longa aventura revoltada não são fórmulas de otimismo, que não têm utilidade no extremo de nossa desgraça, mas sim palavras de coragem e de inteligência, que, junto ao mar, são até mesmo virtude. Nenhuma sabedoria atualmente pode pretender dar mais. **A revolta confronta incansavelmente o mal, do qual só lhe resta tirar um novo ímpeto.** O homem pode dominar em si tudo aquilo que deve ser dominado. Deve corrigir na criação tudo aquilo que pode ser corrigido. Em seguida, as crianças continuarão a morrer sempre injustamente, mesmo na sociedade perfeita. Em seu maior esforço, o homem só pode propor-se uma diminuição aritmética do sofrimento do mundo. Mas a injustiça e o sofrimento permanecerão e, por mais limitados que sejam, não deixarão de ser um escândalo. O "por quê?" de Dimitri Karamazov continuará a ecoar; a arte e a revolta só morrerão com a morte do último homem⁹³.

Para Camus, o homem não deve abdicar de lutar contra a morte, ou seja, se engajar. Porém, a partir do momento em que esse engajamento ignora os limites do próprio homem, ele descamba em totalitarismos. A revolta pode, sim, utilizar da violência, caso as circunstâncias exijam, pois esta continua a ser uma via possível. Porém, a partir do momento em que a violência é racionalizada, que o crime se torna lógico, ele se prolifera e se naturaliza.

Na história considerada como um absoluto, a violência se vê legitimada; como um risco relativo, ela é uma ruptura de comunicação. **Para o revoltado, ela deve preservar seu caráter provisório de rompimento, sempre ligada, se tal não puder ser evitado, a uma responsabilidade pessoal, a um risco imediato. A violência de sistema faz parte da ordem; ela é, em certo sentido, confortável.**⁹⁴

É contra essa tendência, pulsante no momento em que travou a disputa com Sartre, que Camus apela para a necessidade do limite. Não se deve matar o ser humano limitado de hoje em prol de um possível ser totalmente livre no amanhã. Além disso: é ainda mais inaceitável quando feito de forma racionalizada, como ocorrera nos campos de concentração soviéticos. Em nossos dias, dentro da democracia liberal, o Estado atua

⁹³ ". <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 89>.

⁹⁴ *Idem* pp. 90

realizando formas de terrorismo similares a essas que Camus denunciava nos regimes totalitários de seu tempo.

O argelino apela para que a realização da justiça respeite o homem de hoje, o homem em suas contradições e limitações, o homem possível frente ao homem ideal e adiado para o depois. A injustiça não afeta o revoltado porque nega um ideal abstrato de justiça que deveria ser sua missão na Terra. Se a revolta rejeita a injustiça é porque ela impede a solidariedade entre os homens, que é o maior consolo possível perante o absurdo. Porém, em nome dessa justiça não se pode negar o mundo real, por mais contraditório e caótico que ele se apresente.

A revolta não é, de forma alguma, uma reivindicação de liberdade total. Ao contrário, a revolta ataca sistematicamente a liberdade total. Ela contesta, justamente, o poder ilimitado que permite a um superior violar a fronteira proibida. Longe de reivindicar uma independência geral, o revoltado quer que se reconheça que a liberdade tem seus limites em qualquer lugar onde se encontre um ser humano, já que o limite é precisamente o poder de revolta desse ser.⁹⁵

Assim como a liberdade absoluta culmina por gerar a injustiça, requisitando o poder da revolta para impor um limite a tal liberdade, “a justiça absoluta passa pela supressão de toda contradição: logo, destrói a liberdade⁹⁶”. Se a justiça absoluta, para ser absoluta, impõe que se reconcilie tudo aquilo que é contraditório, ela decreta a morte da liberdade, e, por consequência, da vida.

A ideia de justiça para Camus, portanto, está no meio, na tensão, na dúvida que não se esgota, mas também não se contenta. A vida humana é contradição, conflito, obscuridade e a revolta é justamente uma resposta a esses males, que, não obstante devam ser enfrentados, jamais se esgotarão. É na luta contra seu destino trágico que homens e mulheres devem encontrar a alegria de criar.

⁹⁵ *Idem* pp. 369

⁹⁶ *Idem* pp. 105

5. A GENEALOGIA DA REVOLTA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI

5.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A REVOLTA BRASILEIRA

Antes de escrever *O Homem Revoltado*, Camus já estabelecia suas bases em seu caderno de anotações.

Ensaio sobre a Revolta. **O mundo absurdo começa por não poder ser analisado com rigor. Evoca-se e imagina-se.** Assim este mundo é o produto do pensamento em geral, isto é, da imaginação precisa. É a aplicação à conduta da vida e à estética de um certo princípio moderno. Não é uma análise. Mas uma vez que este mundo foi delineado em traços genéricos, colocada a primeira pedra (não há senão uma), filosofar tornar-se possível - ou mais exatamente, se bem o compreendemos - torna-se necessário. A análise e o rigor são exigidos e reintroduzidos. São o pormenor e a descrição que triunfam. Do “nada é interessante a não ser...” extrai-se: “tudo é interessante, a não ser...” - De onde a necessidade de um estudo preciso e rigoroso - sem conclusões - sobre a revolta⁹⁷.

Partindo das considerações estabelecidas nos capítulos precedentes, cumpre assinalar, para melhor orientar a leitura a contar daqui, que o entendimento de revolta brasileira deve ser aproximado da revolta metafísica, conforme a formulação de Camus.

Assim, a revolta brasileira é moral, porém, seu alvo, até o presente instante de desenvolvimento, ainda se afigura como predominantemente político. Ou seja, o Deus contra o qual a revolta brasileira se dirige são as instituições políticas que compõem o modelo de Estado liberal. Ademais, também conforme as indicações prévias, se a revolta assume um Deus, ou uma figura, contra o qual ela se opor, é porque, em sua origem, ela é uma resposta ao absurdo da criação.

O absurdo se apresenta ao brasileiro, nessa última década, como a corrupção de um partido político. Porém, este é só a germe. A seguir esse sentimento se dirige contra a classe dos políticos, e, por fim, contra as instituições de um modo geral, as quais, criadas pelos humanos para combater o absurdo, culminam em aumentá-lo⁹⁸.

O próximo grande passo é revoltar-se contra a corrupção moral. Embora a transformação nos alvos da revolta pareça evidente, sua divisão não é tão bem demarcada.

⁹⁷ CAMUS, Albert. **Cadernos II**. Editora Livros do Brasil. Lisboa. 1964. p. 77.

⁹⁸ Um bom exemplo prático para esse caso é o fato de o Supremo Tribunal Federal, “guardião da Constituição”, que custa dezenas de milhões de reais por ano, ter que se reunir para julgar um processo de roubo de galinha. A partir da tomada de consciência desses absurdos, eles não deixam de nos perturbar.

Este trabalho propõe a tese de que estamos a um passo da revolução metafísica, muito perto de ir além. Reeditando o dilema de Ivan, com a morte das instituições, tudo é permitido? Esta é uma das perguntas que guia o restante do trabalho, mas à qual ele não se resume. Embora a proposta inicial imponha recortes e limitação dos objetivos próprios de uma pesquisa, responder a essa questão implica uma reflexão mais ampla, proposta a seguir.

Um dos valores implícitos à proposta deste trabalho é o da criação. Porque criar é o exercício nobre do ser humano. Assim, mais do que explicar as relevantes teses de Camus, Nietzsche, Viviane Mosé, entre outros, é imperioso criar interpretações que permitam ir além do resgate teórico em direção a uma leitura engajada com o presente. Não pode ser outro o papel do pesquisador, que não se engajar em sua realidade. Pesquisar é, em muitos sentidos, combater o absurdo, porém, sem negá-lo, ou seja, sem a pretensão de chegar na resposta final.

Que não nos enganemos de estética. Não é a informação paciente, a incessante e estéril ilustração de uma tese que eu invoco aqui. Bem ao contrário, se me expliquei claramente. O romance de tese, a obra que prova, a mais odiosa de todas, é a que mais frequentemente se inspira num pensamento satisfeito. A verdade que se acredita deter é o que se demonstra. Mas estão ali ideias que se põem em marcha e as ideias são o contrário do pensamento. Esses criadores são filósofos envergonhados. **Aqueles de que falo ou que imagino são, ao contrário, pensadores lúcidos. Em certo ponto em que o pensamento se volta sobre si mesmo, eles levantam as imagens de suas obras como os símbolos evidentes de um pensamento limitado, mortal e revoltado**⁹⁹.

O presente trabalho é fruto de um pensamento “limitado, mortal e revoltado”¹⁰⁰, como Camus propusera.

O objetivo primordial da pesquisa é o de abrir caminhos para pensar a justiça, além do maniqueísmo que reina no absurdo do cenário institucional brasileiro, e na conseqüente revolta popular que dele advém. Para tanto, é imprescindível uma atitude criativa, que, embora possa expor-se ao equívoco, prefere aceitar o risco de seus próprios limites e revoltar-se para criar.

⁹⁹ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 83.

¹⁰⁰ *Idem*. p. 44.

5.2 OS DIFERENTES REVOLTADOS CONTRA A INDIFERENCIAÇÃO

O que se parece difícil de notar nesses tempos de ressentimentos e acusações e, a favor do que irá se argumentar, é: em relação ao mundo, todos nós somos vítimas. Em relação ao outro, podemos não nos converter em algozes. Nosso tempo oscila entre ser o do ressentimento e o da revolta, porque os homens e mulheres oscilam entre ressentidos e revoltados. O absurdo e o sentimento que dele advém nos põe em uma encruzilhada. Nossa diferença em relação ao outro é mais latente do que nunca, assim como a indiferença do mundo sobre nós todos.

É possível, dentro da vida, encontrar algumas formas de escapar a esse drama. Alçar-se a alguma espécie de fama, de reconhecimento coletivo, era uma das saídas mais usuais. Porém, já não basta ser famoso para se diferenciar, há centenas de milhares deles. Didi e sua turma de trapalhadas certamente eram conhecidos do mais taciturno dos brasileiros há cinquenta anos atrás. Presentemente, é possível que Whindersson Nunes¹⁰¹ seja desconhecido para outros humoristas.

Esse é um exemplo banal que serve para ilustrar o fato de que, em 2019, não basta se diferenciar da massa para representar algo, para estar, enfim, em posse de um significado. Ou seja, torna-se cada vez mais difícil para o ser humano possuir uma diferença nítida, uma demarcação diante dos outros, e de si mesmo. A definição de quem se é. O contraditório e angustiante (absurdo) é que esse mesmo 2019 parece exigir, radicalmente, que assumamos uma identidade, que nos definamos perante o outro, contra o outro.

O ser humano contemporâneo é constantemente exposto a vislumbres da possibilidade de realizar os seus sonhos, no meio de uma rotina que lhe amassa. A outra face dessa moeda é que também se sente vulnerável a ser ainda mais amassado, e não pela repetição e cansaços próprios da rotina, mas pelo espetáculo opressor dos sonhos de outros.

Em muitos sentidos, o *Instagram* é a possibilidade concreta de realização desse ideário. Nesse espaço, homens e mulheres costumam mostrar-se em sua plenitude, exaltando os excessos da vida e compartilhando suas criações e imitações com o mundo. É também onde todo o peso do outro lhes aflige: depois de tanto ordenar seu mundo para

¹⁰¹ Fenômeno do humor no YouTube, as visualizações de seus vídeos alcançam as cifras dos milhões.

conferir uma unidade e significação de si, é preciso encarar o mundo dos outros e a diversidade com a qual, de alguma forma, ele nos confronta.

Na segunda década do século XXI, o termo que mais se usa para descrever a situação política, social, econômica e cultural do país é: polarização. Mais do que uma divisão, que seria de alguma forma perene, a marca desses tempos é o extremismo na divisão. A imagem magnética dos polos talvez seja mesmo a mais adequada.

Porque não só demonstra que estes dois lados estão necessariamente afastados pelas suas próprias características de positivo e negativo, mas, sobretudo, porque estes polos exercem um poder irresistível de atração em relação ao centro, tornando impossível se manter nele, esvaziando-o.

Dessa forma, a polarização brasileira é a atração para uma identidade. No lugar do positivo e do negativo, teremos o conservador e o progressista; a direita e a esquerda. Porém, no começo da década, esses termos, quando utilizados, tinha uma aplicação restrita ao tempo e ao espaço das eleições. De dois em dois anos, o brasileiro era chamado para dizer se queria que o azul ou o vermelho lhe representasse, e a política parecia significar pouco mais que isso.

O correr da década modificou esse fato drasticamente. Onde se opunham direita e esquerda, conservador e progressista, surgem novas configurações. De um lado, estão os estupradores, que querem a todo custo subjugar as mulheres; do outro, estão as feministas satânicas, que louvam o aborto e querem perverter a sexualidade das crianças.

De um lado, há aqueles defensores de que bandido tem mais é que ser torturado ou morto; do outro lado, aqueles que vivem a defender os meliantes e acham que eles devem ser sempre inocentados, pois na verdade são vítimas da sociedade. De um lado, os servos do agronegócio que apoiam queimadas e acham que a natureza deve ser explorada sem nenhum limite; do outro os desocupados que dizem se preocupar com a natureza, mas querem mesmo é ganhar dinheiro com a Lei Rouanet.

É claro que essas afirmações são absurdas, mas têm o grande mérito de tornar a oposição infalível. Seria inconcebível não repudiar alguém que quer perverter crianças ou alguém que destrói massivamente a natureza. Todavia, o mínimo de bom senso indica que essas atitudes extremadas, conquanto possam existir, não estão sendo realmente apoiadas porque votou-se 13 ou 17 nas eleições de 2018.

Mais frequente, em nossa realidade, parece ser a conservadora que aborta, enquanto condena veemente tal crime, ao lado da garantista penal que exige a redução do poder de punir do Estado, mas considera um progresso quando crimes contra a mulher são punidos mais severamente. O homem de esquerda que arrota feminismos e subjuga as mulheres das formas mais vis em suas relações, ao lado do homem de direita que abaixa a cabeça quando sua mulher ordena.

Mais uma vez sugerem-se caricaturas, que, embora já nos pareçam mais críveis, ainda passam longe de apreender a real diversidade com que as pessoas lidam politicamente. Ademais dessas reflexões, é a partir dos chavões mais maniqueístas que a comunicação política – e, já que são tempos políticos, também cotidiana – tem acontecido.

Uma vez que a neutralidade tem como efeito prático a aceitação do vencedor, também ela se tornou suspeita. Assim, conquanto existam aqueles que não querem ser encaixados, de modo algum, em nenhum dos lados, a força da repulsa ao polo que lhe parece mais nocivo culmina sendo decisiva, e, a escolha nada mais é do que um cálculo do menos ofensivo.

É a partir de *memes* monstruosos que os brasileiros se enxergam. E o fazem, sobretudo, para poder negar mais forte e com mais veemência uns aos outros. Uma espécie de um niilismo do outro reina no ambiente político nacional.

Se, de fato, a polarização decorre de aspectos concretos, afinal, a época atual é a dos desvelamentos, sobretudo, para negros e mulheres que olham de uma nova forma para sua história e culminam rachando as estruturas sob as quais a sociedade se monta. Em muitos outros sentidos, essa polarização parece forçada, manipulada por agentes que intentam se beneficiar do caos que ela provoca.

Então, não deveria surpreender¹⁰² tanto que o candidato condenado pela justiça por espalhar notícias falsas tenha sido alçado à presidência da República sob o lema “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. O que Bolsonaro oferece é um mito, e ele o faz vendendo a si mesmo como tal.

No meio de tanta confusão cognitiva, sua percepção foi muito simples: a maior desordem vai requisitar, por consequência, a ordem mais forte. Se todas as instituições

¹⁰² Para a maioria dos cientistas políticos, até meses antes da eleição, a vitória de Bolsonaro é, no mínimo, improvável.

estão falhando sucessivamente, a solução precisa vir de alguém que se ponha de fora desse sistema fracassado. Aqui, Bolsonaro se inseriu como o herói revoltado que se executaria a árdua tarefa de “mudar tudo isso aí”.

Apesar de já contar com quase três décadas de atuação parlamentar, Bolsonaro foi capaz de se vender como um estrangeiro à política, porque, embora cinicamente inserido em seus meios, sempre incitou a revolta contra a democracia, a qual julgava fadada ao fracasso no Brasil, chegando a afirmar em entrevistas que o voto jamais mudaria alguma coisa no país¹⁰³. O tamanho da ironia que sua eleição por vias democráticas representa não pode nos ofuscar para a estranha lógica que nos conduziu a esse momento de absurdo.

A desordem, acusada pelos moralistas como o mal, é justamente o combustível para que o portador da ordem – portanto, do bem – avance. Não existem heróis sem um vilão a combater. Quem é o vilão brasileiro da década? A corrupção. Se identificamos 2013 como a primeira manifestação histórica da revolta brasileira na década, a revolta metafísica contra a corrupção, por seu turno, surge, pelo menos, com os escândalos do Mensalão que envolveu diversos parlamentares.

Conforme Camus, a revolta é sempre imaginada contra um alvo¹⁰⁴. Assim, o alvo central da revolta brasileira no século XX é a corrupção. Não atingimos um nível de educação adequado em nosso país por causa da corrupção, que desvia parte das verbas, nada tem a ver com o fato de que a prática da leitura é pouco difundida em nosso cotidiano. Que, ademais, também é culpa da corrupção, que torna mais difícil o acesso aos livros.

Não há sistema de saúde preparado para curar todos os doentes por culpa da corrupção, não importa que não se cuide de prevenir e conscientizar as pessoas acerca dos próprios corpos. Outrossim, só não se investe em prevenção porque a corrupção nos impede. É fácil prosseguir com esse raciocínio e difícil de vencê-lo, pois nele há uma parte de verdade inegável.

Essa parte, todavia, não explica tudo, e, principalmente, não resolve, por si só, absolutamente nada. Mas a revolta, embora parta da razão, só se mantém pelo furor do

¹⁰³ GIANNI, Thays. **Jair Bolsonaro Defendendo Guerra Civil, Fim do Voto e Fechamento de Congresso**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gu6-ZZ1dTzk>>.

¹⁰⁴ “Afinal, a revolta só se imagina contra alguém. A noção do Deus pessoal, criador e, portanto, responsável por todas as coisas dá por si só um sentido ao protesto humano. Pode-se, dessa forma, e sem paradoxo, dizer que a história da revolta, no mundo ocidental, é inseparável da história do cristianismo”. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 48>.

sentimento, “a revolta não é realista¹⁰⁵”. O sentimento da revolta brasileira que é, primariamente, uma resposta ao absurdo, passou a identificar-se com um sentimento de repulsa à corrupção, identificando o fim da corrupção com o fim do absurdo.

A face mais evidente da corrupção era a que estampava as manchetes dos jornais. Em um primeiro plano, o Partido dos Trabalhadores, que, por ser o partido que chegou ao poder também sob o discurso da ética, foi o mais fulminado. Considerável parcela dos brasileiros continuou tendo o Partido dos Trabalhadores como seu demônio especial, porém, de um modo geral, não se demorou a perceber que desse jeito estava muito fácil de explicar o tamanho do buraco em que o país estava enfiado. Logo a insatisfação se estendeu, tornando-se um protesto contra a corrupção do sistema político em seu todo.

A primeira eleição de Tiririca como o deputado mais votado do país, sob o emblema “vote no Tiririca, pior do que está não fica” oferece uma boa síntese do sentimento que passou a reinar na política brasileira e é, também, o grande arauto do porvir político.

Uma espécie de riso ressentido, um gozo forçado. É assim que o brasileiro se sentia em relação à sua participação no modelo de Estado democrático liberal. A plateia de um circo. A votação massiva em Tiririca, um comediante que apresentou como argumento para ser eleito a cruel indiferença em exercer o direito do voto, representa um desprezo a essa indiferença, que também é uma forma de impotência.

Não é de se estranhar que na esteira do desdém contra o sistema político, surgisse no horizonte brasileiro o espectro do fascismo. Camus, ao analisar a irracionalidade e o “fortalecimento cada vez mais violento dos princípios cínicos¹⁰⁶”, no sistema de governo autoritário de Hitler, aponta que “O fascismo, na verdade, é o desprezo. Inversamente, qualquer forma de desprezo, se intervém na política, prepara ou instaura o fascismo.”¹⁰⁷

Nesse contexto, a Operação Lava Jato começa a atrair alguma confiança para a instituição Judiciária e um certo sentimento de justiça, quando não vingança, que responde à parte da revolta, confundida com ressentimento¹⁰⁸, do povo brasileiro. O

¹⁰⁵ *Idem.* p. 50.

¹⁰⁶ *Idem.* p. 238.

¹⁰⁷ *Idem.* p. 244

¹⁰⁸ “(...) quer dizer que nenhuma revolta é carregada de ressentimento? Não, e sabemos bastante sobre isso, no século dos rancores.” <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 34>.

grande alvo, os políticos, estão sob a mira. Os demônios, antes intocáveis, finalmente estão sendo exorcizados.

Assim, essa revolta que já pulsava forte, mas se encontrava desencontrada depois dos resultados escassos das manifestações de julho de 2013¹⁰⁹, encontrou uma canalização nas ações do Ministério Público Federal em combate a um esquema de corrupção bilionário envolvendo a Petrobras e outras grandes empresas públicas, que se ramificou e terminou por atingir, além de diversos parlamentares do mais alto escalão e a maior força política de esquerda do Brasil, o ex-Presidente Lula.

Nos primeiros desdobramentos da operação, especialmente com a prisão de grandes empresários, o apoio da sociedade brasileira era imenso, com raros opositores. Porém, o cenário político brasileiro começava a se tornar mais complexo. Sobretudo, com o avanço do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, que se deu em grande parte impulsionado pelo apoio popular à Lava Jato e à revolta contra a corrupção, que, a esta altura tinha marcado o Partido dos Trabalhadores como alvo principal, transformando o antipetismo em uma força política decisiva.

Do outro lado, o daqueles que apoiavam o governo do Partido dos Trabalhadores, surgia uma narrativa de resistência. A denúncia de que o processo de impeachment¹¹⁰ da presidenta era uma farsa, um golpe para levar ao poder aqueles que foram derrotados nas eleições de 2018. Assim, a sociedade brasileira começava a estabelecer uma divisão mais profunda.

O impeachment, de fato, aconteceu e a sociedade brasileira retornou a uma espécie de normalidade institucional, em que, pela frequência de escândalos e tumultos, a anormalidade era a verdadeira regra. A Operação Lava Jato principiava a ter seus desgastes, sobretudo as críticas em relação à sua parcialidade¹¹¹. O Supremo Tribunal Federal desconstituiu algumas de suas decisões, gerando atritos também no interior do sistema judiciário.

¹⁰⁹ A inclusão do direito fundamental ao transporte na Constituição Federal parece ter sido o signo legislativo mais direto em resposta aos protestos, porém também o mais inócuo. Esse é um bom exemplo do funcionamento simbólico da produção legislativa, sem nenhuma preocupação real com a efetividade. Marcelo Neves examina bem o problema, e designa tais normas como “legislação álibi”, aquela utilizada para passar a impressão de que se tentou resolver o problema sem orquestrar os meios que concretizariam tal solução.

¹¹⁰ Juridicamente falando, o processo é um recheado de furos. Neste ponto, a crítica é certa. Politicamente, todavia, parecia claro haver um consenso quanto ao resultado do processo desde o seu início.

¹¹¹ Hoje essa crítica encontra força e respaldo nas reportagens veiculadas pelo jornal *Intercept*.

O sentimento de revolta que principiou contra a corrupção no sistema político recebe diversos outros influxos. O crescimento dos movimentos negros e feministas com os consequentes rachas estruturais que provocam; a crise econômica que levou milhões ao desemprego; um avanço ainda maior da tecnologia e a crescente percepção dos seus riscos – o seriado *Black Mirror* e seu notável sucesso bem exemplificam tal ponto.

A revolta, aos poucos, vai deixando de ser contra a corrupção das instituições políticas e se torna uma revolta, imiscuída com ressentimento, contra a corrupção da sociedade. Os conservadores denunciam a corrupção da moral, da justiça, cresce sua nostalgia de uma ordem, uma hierarquia que estabilize o absurdo e o torne menos agressivo. Os progressistas, por sua vez, denunciam¹¹² de forma cada vez mais radical o patriarcado e o racismo, partes fundamentais das estruturas sob as quais a sociedade brasileira foi formada e cujas bases querem ver destruídas. Assim, reclamam uma nova ordem social que corrija ao máximo o absurdo.

E então retornamos ao ponto aludido no início do capítulo. O grave dissenso comunicativo eleva a revolta brasileira que ainda se debate confusa, contraditória, mas viva. Na parte final desta pesquisa, utilizaremos duas obras de arte, nascidas dessa revolta, para melhor sugerir os caminhos para os quais ela aponta.

¹¹² As comissões da verdade se inserem nesse contexto de busca pela justiça.

6. A REVOLTA EM BACURAU

6.1 BACURAU: A ARTE ACIMA DA POLÍTICA

*Bacurau*¹¹³ já havia sido projetado muito antes de poder, efetivamente, ser gravado. Assim, a primeira hipótese que se afasta é a de que seja um filme feito sob encomenda. E aí vem o primeiro choque produtivo de *Bacurau*. Embora não seja, o filme aparece como uma resposta pronta para o dia em que nasceu.

O sentido mais óbvio do filme é proporcionar um imaginário mítico emancipador, associado à esquerda e sua luta contra o imperialismo norte-americano na América Latina. No entanto, o trabalho se propõe a explorar não só este, como outros aspectos, quiçá mais relevantes, desta obra cinematográfica revoltada.

A síntese de *Bacurau* é a de um povoado nordestino, pobre e tratado com cinismo pelas autoridades, que passa a ser alvo de um ataque, aparentemente imotivado, de forasteiros americanos que têm o assassinio de outros como forma de diversão. A proposta é algo como um videogame ultrarrealista.

Trata-se de um filme de gênero, em parte na linha dos faroestes americanos. Porém, há muito mais em *Bacurau* do que essa representação inicial pode sugerir. Os traços caricaturais do filme, apontados como deméritos por críticos¹¹⁴, aqui serão enxergados como escolhas artísticas em criar alegorias, em aproximar a obra de uma narrativa mítica.

Em que pese, as conexões entre *Bacurau* e as ideias progressistas/de esquerda sejam inegáveis, como em toda grande obra de arte, há espaço para interpretações que alcance outros prismas.

Na cena em que precede à chegada do vingador Lunga, o povoado está reunido assistindo uma série de filmagens de assassinatos executados pelo personagem Acácio/Pacote. Chama-se atenção para esta cena, pois dificilmente ela encontraria espaço

¹¹³ Quando o texto se referir ao filme, o nome *Bacurau* será grafado em itálico; quando for ao povoado homônimo, dispensará a grafia diferenciada.

¹¹⁴ “Dado o tratamento que recebem da dupla responsável, a resposta parece simples: em *Bacurau*, cultura, cinema e Brasil não são relevantes, servem para preencher uma narrativa de duas horas de duração e justificar o preço do ingresso. Relevante é transmitir a mensagem, colocar um comentário político depois que o filme termina, ouvir os uivos empolgados de parte do público e, se possível, fazer com que todos os espectadores saiam da sessão querendo iniciar uma revolução e combater o inimigo. Que, para obter esse efeito, o cinema brasileiro tenha de esquecer décadas de avanços dramaturgicos e estéticos, pouco importa, já que é um preço pequeno a pagar pelos aplausos dos amigos e pela simpatia dos festivais.” FORLIN, Miguel. **A baixeza de Bacurau**. Estadão. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/a-baixeza-de-bacurau/>>.

numa obra que se propusesse somente a estabelecer uma cartilha política progressista. Ao revés, tal cena apontada para o fato de que a violência é consumida como um prazer por aquela população, algo que os progressistas costumam criticar na visão conservadora do mundo¹¹⁵.

No início do filme, há o velório de Carmelita, uma senhora negra que era a matriarca do povoado e que “espalhou as sementes de Bacurau pelo mundo”. Enquanto todos estão reunidos em sua homenagem, aparece Domingas, uma mulher branca, acusando-a de bruxa e de rameira, no que é afastada por outros moradores, sem maiores enxames. Mais uma vez, é difícil aceitar a ideia que um idílio de esquerda optaria por representar o ressentimento, ainda que de velhas amigas, como uma parte constituinte do povo revolucionário.

Essas indicações que podem parecer um pouco pueris, servem para demonstrar que o povo de Bacurau, se é o retrato das comunidades sertanejas esquecidas pelas autoridades e roubadas pelos poderosos¹¹⁶, também é o retrato de um local em que aspectos do conservadorismo subsistem. Assim como o crime, a prostituição e diversas outras “mazelas morais”.

É possível afirmar que, conquanto exagere alguns aspectos, como na xenofobia entre Norte/Sul do Brasil, este exagero é mais alegórico do que fruto de um defeito, ou de uma tentativa de promover apelos baratos. Estabelecidas essas premissas iniciais, destarte, se indicará como essa obra de arte ilumina o movimento confuso da revolta no mundo contemporâneo.

6.2 SADE E OS FORASTEIROS: A NEGAÇÃO ABSOLUTA

Os forasteiros que atacam o povoado de Bacurau, aparentemente, fazem-no a troco de nada. Matam porque podem. Indiscutivelmente assumem uma superioridade racial perante os brasileiros, porém não é essa sua motivação. Uma leitura do filme sob a ótica da revolta talvez ajude a iluminar esse aparente vazio.

Em um dos capítulos de *O Homem Revoltado*, Camus detém seu olhar sob a obra do Marquês de Sade, apontando-a como a primeira ofensiva coerente do homem moderno

¹¹⁵ Ao menos no Brasil, aqueles que se arvoram como conservadores, no cenário político, são comumente pró-armamento e costumam exaltar a violência exercida em nome do “bem”. Ademais, por óbvio que nem todos os conservadores são adeptos de tal política. Que é, no mínimo, irresponsável e, em seu comum máximo, suicida e assassina.

¹¹⁶ Uma das cenas iniciais do filme mostra como restringiram o acesso da população do povoado à água em nome de interesses financeiros.

contra o divino. “Sade só extrai da revolta o não absoluto¹¹⁷.” Preso por diversas vezes, foi dentro de Bastilha que ele escreveu a maior parte de suas obras.

Sade é um inquieto, crítico, agitador. Quando observa a maldade que existia sob a moral reinante na sociedade sob as vestes da virtude, Sade se revolta. Acorrentado, ele se enfurece e reivindica não a liberdade, mas a libertinagem.

Segundo Sade, na história das religiões mostra com bastante evidência que o assassinato é um atributo divino. Por que, então, o homem seria virtuoso? **O primeiro movimento do prisioneiro é passar, de um salto, à consequência mais extrema. Se Deus mata e nega o homem, nada pode proibir que se negue e matem os semelhantes¹¹⁸.**

Assim, a saída de Sade para o absurdo é a divinização da natureza. E que era a natureza para ele? O desejo, sobretudo, sexual. Só que, em Sade, ele não conhece limites, e o máximo de desejo coincide com o máximo de destruição. O que o preso político francês argumenta é que a natureza tem a necessidade do crime e a única lei que se deve respeitar é a dos instintos.

O amigo do crime só respeita realmente duas espécies de poder: um, baseado no acaso do nascimento, que ele encontra na sua sociedade, o outro, aquele em que se insurge o oprimido quando, por força da perversidade, consegue igualar-se aos grandes fidalgos libertinos, dos quais Sade faz seus heróis comuns. Esse pequeno grupo de poderosos, esses iniciados, sabem que têm todos os direitos. Quem duvidar, mesmo que por um segundo, desse temível privilégio, é logo rejeitado pelo rebanho e volta a ser vítima. **Chega-se então a uma espécie de blanquismo moral, em que um pequeno grupo de homens e mulheres, por deter um estranho saber, coloca-se resolutamente acima de uma casta de escravos. Para eles, o único problema consiste em se organizarem a fim de exercerem plenamente direitos que têm a terrível dimensão do desejo¹¹⁹.**

A evidente similaridade entre esse trecho e o comportamento dos forasteiros parece nos proporcionar alguma luz quanto às suas obscuras motivações para matar. O direito que esses sádicos veem, iluminado pela revolta, é o direito de desejar sem limites. Todavia, como o universo ainda não aceitou a lei do crime, o próprio Sade encontra-se

¹¹⁷ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 59.

¹¹⁸ *Idem*. p. 60.

¹¹⁹ *Idem*. p. 63.

preso, faz-se preciso criar o território para que esse desejo desmesurado possa ser exercido.

No caso de Sade, ela cria lugares fechados, castelos de onde é impossível escapar e onde a sociedade do desejo e do crime funciona sem conflitos, segundo um regime implacável. A revolta mais desenfreada, a reivindicação total da liberdade leva ao jugo da maioria. **A emancipação do homem se realiza, para Sade, nas fortalezas de licenciosidade, onde uma espécie de burocracia do vício regulamenta a vida e a morte dos homens e mulheres que entram para todo o sempre no inferno da necessidade.** Em sua obra há uma abundância de descrições desses lugares privilegiados onde, a cada vez, os libertinos feudais, demonstrando às vítimas reunidas a sua impotência e servidão absolutas, retomam o discurso do duque de Blangis à plebe dos Cento e vinte dias de Sodoma: "Vocês já estão mortas para o mundo"¹²⁰.

As condições políticas, sociais, econômicas e geográficas permitem que os forasteiros encontrem no povoado de Bacurau seu castelo de Sade. Pela perversa desigualdade que o sistema capitalista pode impor e pelo acentuado niilismo que rege os tempos, a alegoria proposta em *Bacurau* não chega a ser ridícula. Se soa como exagero profético e um tanto surreal, não se pode descartar de todo sua possibilidade de ocorrência. Também, aqui, a mitologia do filme estabelece relações com a realidade.

Desse modo, a revolta absoluta dos forasteiros os impele a negar o outro desesperadamente e a recusar qualquer forma de piedade¹²¹. Sua lógica, portanto, leva à destruição em sequência, é preciso matar para saciar os desejos libertinos, que são, afinal, aquilo que um prisioneiro, mais do que do Estado, de si mesmo, enxerga como final de sua lógica¹²².

Quando os forasteiros estão indo para Bacurau em seu embate definitivo, Terry, um dos mais inflamados do grupo, sugere o motivo de estar ali. Afirma ter ficado à beira

¹²⁰ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 65.

¹²¹ "Curioso prazer, sem dúvida, que se exerce sob comando: "Todos acordarão todos os dias às dez horas da manhã!" Mas é preciso impedir que o gozo degenere e se transforme em apego, é preciso colocá-lo entre parênteses e fortalecê-lo. E necessário ainda que os objetos de gozo nunca apareçam como pessoas. Se o homem é "uma espécie de planta absolutamente material", ele só pode ser tratado como objeto, e como objeto de experimento. Na república de arame farpado de Sade, só há máquinas e mecânicos. O regulamento, modo de uso da mecânica, coloca tudo em seu devido lugar." <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 66.>

¹²² O seu mérito, incontestável, reside no fato de ter ilustrado imediatamente, com a infeliz clarividência de uma raiva acumulada, as consequências extremas de uma lógica revoltada, pelo menos quando ela se esquece de suas verdadeiras origens. Essas consequências são a totalidade fechada, o crime universal, a aristocracia do cinismo e a vontade de apocalipse. <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 68.>

da loucura após o divórcio. Ele se refere à sua separação da ex-mulher, mas o termo ‘divórcio’ não nos pode passar despercebido. O absurdo, afinal, é um divórcio.

Terry não suporta viver divorciado. E narra que algumas vezes chegou a ir à casa de sua antiga companheira para matá-la, mas sempre desistia. Ele é um animal frustrado, se debatendo em raivas, sem saber por onde extravasar. Se pensarmos que Terry representa o homem branco americano médio, não é difícil encontrar indícios do porquê ele se sente tão mal. Como já aludido em outras partes do trabalho, os tempos são de grande choque cultural e moral, o que aprofunda o absurdo nos homens e mulheres.

A mortandade em Bacurau, o videogame desumano, lhe surge como a chance de lidar com seu divórcio. Ele que não encontrava em si mesmo, ou em seu mundo cotidiano, uma forma de aplacar o desespero e absurdo da existência, pode dar vazão à sua revolta participando daquele jogo assassino e macabro.

Diante dessa impossibilidade de encarar seu próprio interior, ele toma como ponte para fuga a eliminação do outro.

Sade evoca com frequência o “doce hábito do crime.” No entanto, nada existe ali que se apreça com suavidade, antes uma raiva de homem acorrentado. Trata-se, na verdade, de desfrutar, e o máximo de gozo coincide com o máximo de destruição. Possuir aquilo que se mata, copular com o sofrimento, eis o instante da liberdade total em cuja direção se orienta toda organização dos castelos¹²³.

Essa reação do prisioneiro é também uma espécie de teste dos limites da humanidade. Indo mais fundo no intento de desvendar as motivações do forasteiro, é possível afirmar que seu desejo, em última instância, é apagar todos os outros interiores da vida, porque ele não pode lidar com seu próprio interior, que escondem contradições que seu corpo não suporta.

O que é o povoado de Bacurau para esse forasteiro? Um lugarejo suspenso no mapa, irrelevante para a geopolítica mundial, esquecido mesmo pelos vizinhos, e apenas tolerado utilitariamente pelas suas elites. Parece um bom lugar para fundar um castelo sádico e criar, pela negação absoluta de qualquer regra que não o desejo destruidor, uma saída para o absurdo. Um escape a uma mente ressentida que não consegue encarar nem

¹²³ *Idem p. 67*

eliminar os seus problemas reais. Preso em um cotidiano que lhe escapa, Terry se enfurece e busca a todo custo um meio de exercer essa força cega que lhe consome.

Visto deste prisma, a aparição dos estrangeiros, ao menos a de Terry, não é tão enigmática assim. O que ele quer é fugir de uma realidade que, num repente, divorciou-se dele. Ele não consegue se encaixar. E é seu próprio mundo interior que lhe desloca, porque suas contradições são internas. Entretanto, como não pode acessar o que está dentro, é fora que ele vai buscar a solução.

E a solução exterior a si é justamente o exercício desmedido de sua revolta, traída pela negação absoluta. De fato, o povoado lhe é desconhecido, não se pode argumentar que exista um ressentimento direcionado especialmente a Bacurau. O problema está além: com o seu interior agonizando ele vai extravasar o excesso dessa agonia matando a possibilidade de outros interiores. Sem conseguir lidar com aquilo que descobre desconhecer, em si mesmo, quando tudo lhe devia ser familiar, ele leva sua revolta ao extremo e, por fatalidades de sua lógica, recorre ao meio extremo de negar o desconhecido: eliminá-lo.

Aqui, *Bacurau*, em sua narrativa mítica, oferece mais um ponto de realidade à sua representação alegórica. O mal, em que descamba a revolta do forasteiro, não é originário, é uma decorrência de fatores que faz com que ele ecloda entre os cidadãos comuns¹²⁴.

Ora, se a liberdade do absurdo é tão grande a ponto que arruíne toda a minha vida interior, revolto-me. Mas essa revolta, que não tem espaço para o sim limitador do que deve ser defendido no humano, torna o não um absoluto e trai a si mesma.

Assim, eleva a liberdade ao último píncaro em que termina por se confundir com a destruição total. Se o absurdo reina, é indiferente que eu mate em abstrato. E mais: por determinadas condições políticas, sociais e econômicas, torna-se possível que eu mate concretamente na mais completa indiferença.

Na indiferença do Estado, na indiferença da burocracia, na indiferença daquele que se olha no espelho. O homem, sem suportar mais um instante de si mesmo, sem lhe ser possível encarar a brutal ausência de sentido que ele representa ao mundo, e a si mesmo, quando seu corpo não suporta mais negações e está prestes a explodir, ele recusa

¹²⁴ Como “sinais” dos tempos pode-se pensar nos recorrentes ataques terroristas armados, assassinos e suicidas, que, tragicamente, volta e meia ocorrem no mundo Ocidental, mormente nos Estados Unidos. Também o Brasil coleciona suas histórias tristes de evento dessa natureza. São eventos absurdos, talvez rastreáveis, mas impossíveis de explicar em última medida.

o suicídio. Por mais desviado que seja de suas origens, o sentimento de revolta contra uma injustiça que o mundo lhe aflige ainda lhe dá força para viver.

Entretanto, se ele vive, é somente para a morte, uma vez que esta lhe ronda definitivamente. Para negar o irracional, ele parte para a fuga na libertação desmedida desse irracional, num gozo de terror. Por uma ironia da arte, trágica e bela, Terry encontra a sua morte dentro do museu de Bacurau, justo no interior do interior.

6.3 DAMIÃO: A FIDELIDADE DA REVOLTA

Nem tudo é horror em Bacurau. Também há espaço para o testemunho de uma revolta fiel às suas origens. E quem nos dá é Damião. O velho místico corta a estrada sob a luz de sua moto, atrás de si um drone desconhecido, cuja presença é o prenúncio de uma ameaça. No olhar do ancião, uma revolta como que amadurecida. Uma evidente tensão diante do perigo, porém, sem hesitações demasiadas. Sem se deixar desesperar pelo terror. O homem da terra que vive a observar os céus. O místico que cultivava prudência, o místico do corpo. Ele segue em frente. Sua revolta não se precipita.

O que, enfim, produz a coerência de uma genealogia da revolta em *Bacurau* é que há um ponto de encontro entre os dois mundos, entre o habitante do interior e o forasteiro, e é Damião quem o estabelece. “Você quer viver ou quer morrer?”, é o que ele pergunta à mulher que havia acabado de tentar lhe assassinar.

A forasteira, sem saber porque está matando, não tem dúvidas em responder que quer viver. O velho místico é o herói revoltado porque, diante da possibilidade de matar, com todas as razões lhe incitando a isso¹²⁵, decide preservar a vida. A afirmação da revolta, quando consciente dos limites que estão em sua gênese, também afirma a vida. Ainda que ela produza a morte para compensar sua ausência de sentido, ainda que seja preciso correr o risco de dar a mão a quem nos feriu. Enfim, ainda que absurda, esta é a vida: simultaneamente fim e ponto de partida do pensamento revoltado.

Se o pensamento revoltado nega a morte, não é para em seguida dedicar a vida à sua procura. Sua negação é a afirmação de uma medida justa, um valor que oriente a ação. O velho não hesita ao se confrontar com o absurdo de ter que atirar em outro ser humano. Sem negar a violência¹²⁶, a utiliza para construir.

¹²⁵ Assim como o herói de *Caminhos* de BK, estudado no próximo capítulo.

¹²⁶ Horácio Gonzáles resgatando palavras de Camus que seguem a máxima nietzscheana de expor em dez linhas o que outros autores não expõem em dez livros. “Não digo que é necessário suprimir toda violência,

A sensação de sentir um perigo inexplicável e de, sem tempo para raciocínios, ter de agir, põe o homem num confronto direto com o absurdo. *Bacurau* é uma narrativa mítica, em que os tempos se confundem. Transposta sua imagem para o cotidiano, submetendo-a às regras da repetição do dia-a-dia, há uma similaridade com o sentimento que nos assalta ao postar um comentário político nas redes sociais. Alguém virá de lá, de fora, às vezes do totalmente desconhecido, carregando argumentos polarizadores que trarão a destruição do meu mundo. Assim, sou impelido a agir e revidar o mais rápido possível, tentando eliminá-lo, naturalmente.

Damião nos ensina como dizer não à submissão, ao quietismo e aos falsos caminhos que levariam além do absurdo. E sim a uma ética que lhe permita viver dentro dele, sem se perder à loucura ou ao ressentimento. O herói revoltado que é imaginado por Camus nas praias sempre jovens do Mediterrâneo, encontra-se vivo na imaginação do povo brasileiro, por meio de Mendonça e Dornelles, no sertão do nordeste, e de nós mesmos¹²⁷, em *Bacurau*.

o que seria desejável, mas utópico; digo que há que recusar toda legitimação da violência que venha de uma razão de Estado. Não busco a santidade; conheço-me bastante para acreditar na virtude pura. Tenho horror da violência confortável, tenho horror daquelas cujas palavras vão mais longe que seus atos. Estive na Resistência porque não me imaginava em outra parte, eis tudo. Compreendi que destetava menos a violência que as instituições da violência. Lembro o dia em que a vaga de revolta que me habitava atingiu o topo. Era uma manhã, em Lyon, e li no jornal que Gabriel Peri tinha sido fuzilado.” <GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982. p. 56.>

¹²⁷ “Sertão: é dentro da gente.” <ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Nova Fronteira. São Paulo. 2017. p. 114>

7. CAMINHOS DA REVOLTA: BK E O TRÁGICO

As obras de Albert Camus e de Abebe Bikila, ou BK, apresentam um movimento similar em suas intenções. Partindo de uma reflexão sobre a condição existencial humana e as profundas dúvidas do “eu” solitário ante o absurdo, eles culminam encontrando “o outro”. Esse é o percurso que será sugerido no estudo de *Caminhos*. Em alguns momentos, trechos da letra serão utilizados para compor os raciocínios, e serão identificados pela grafia em itálico. Caso a letra seja alterada por questões de concordância, haverá indicação com asterisco.

A música *Caminhos* foi escolhida para compor o presente estudo por ter como tema central o humano em conflito com o absurdo e sua revolta. Não há um roteiro nítido ou uma narrativa linear, há uma espécie de aventura em que o personagem está inserido, confundindo-se com própria vida enquanto tenta superá-la. O tom da obra é de conflito com o absurdo.

A obra de BK expressa as angústias e as duplicidades que a revolta encarna, desde o princípio a música aponta para lados contrários, proclamando um “eu” que, ora é querido no céu, ora é amado no inferno; um “eu” que, mais do que encarnar a luz e a sombra, aponta para a perigosa fronteira que ronda os dois. Esse “eu” amplo, que se proclama de forma íntegra e quase selvagem, é a própria vida pulsando em seus contrários.

*Eu sou a luz, sou a sombra, sou o perigo que ronda
Eu sou a arma da guerra, sou o mar e suas ondas
Ignorado por anjos, desabafei com demônios
Separei brigas dos dois, eu sou Deus, sou humano
Eu sou o luxo, sou lixo, eu sou o limpo e o sujo
Nem duas caras, nem máscaras, nem em cima do muro
Eu nadei contra a maré, chão quente, fui a pé
Passos descalço, eu sou Jó, sou Tomé
Trago amor trago a paz, tragos milagres e júbilo
Eu sou o equilíbrio, eu mato, roubo e destruo*

Assim como a vida *traz o amor, traz a paz, milagres e júbilos**, em seu bojo pulsam também a morte, o roubo e a destruição. Ao ter contato com as contradições inevitáveis da existência o homem sente-se angustiado, porque um dos anseios mais

profundos do ser humano é o de unificar suas experiências, visando obter um sentido. Porém, o mundo que se apresenta a ele é caótico, indiferente e inapreensível pela razão.

A obra de BK apresenta elementos que indicam um esquema de tragédia grega, como a presença de uma voz que funciona como coro. Esta voz anuncia o estado de ânimo do herói trágico após encarar o absurdo.

Eu tentei me desfazer do ódio, pensar que a terra era um bom lugar

Mas a real é que ele que move o mundo, então vamos lá nós matar.

Ao ser confrontado pelo absurdo, o herói trágico de BK se revolta, mas essa revolta é cega e adere ao ódio que lhe ronda. Com essa revolta imbricada ao negativo, mais do que uma resposta, ele busca uma forma de eliminar o absurdo. Ao mergulhar na corrente da vida descontroladamente, de alguma forma, ele se esquia do absurdo no prazer de esquecer de si mesmo, de poder se perder e enlouquecer.

Eu tive que aprender, a viver por aqui

Eu conheci o mal, confesso que eu gostei

Minha visão mudou, quem eu sou?

Me perdi

Gostei de enlouquecer, mas tive que voltar

Para não causar dor, para não sentir dor.

Ao conhecer o mal, o herói se fragmenta. Mas é essa fragmentação que faz com que ele conheça o potencial trágico que há no ser humano, bem enunciado por outro dos heróis revoltados desse trabalho. Quando a ameaça dos forasteiros se torna crítica sobre o povoado de Bacurau, Acácio/Pacote anuncia para Damião que irá convocar Lunga, que visto sob o prisma mitológico sugerido, ocuparia uma posição de vingador, de espírito selvagem que defende a tribo. Ao que Damião responde em sua sabedoria trágica: “o homem vale mais pelo mal que pelo bem”.

Estaria Damião exaltando a prática do mal vulgar como um valor a perseguir? De forma alguma, e seus atos já relatados o comprovam. Lunga também realiza o bem. É justamente quando os tempos urgem, no momento da decisão, que é o mal torna-se também necessário para fazer nascer o bem. O que Damião constata é o mesmo que o herói de BK, o mal é uma das possibilidades da vida. Quando não pensa em termos de recompensa e castigo ao fim da história, o mal aparece como um dos aspectos possíveis

de uma realidade cíclica. *Bacurau* se estrutura em uma realidade mítica. Ao fim do filme, o vilão Michael, a representação-mor do mal que traz a desgraça e faz surgir o poder da criação e da resistência em *Bacurau*, anuncia tragicamente: “é só o começo”.

Se o mal destrói e traz o terror da finitude, por outro lado ele impele à criação, justamente, como uma resposta para sua superação. “Desenvolver ambas as tarefas ao mesmo tempo, **negar por um lado e exaltar pelo outro** é o caminho que se abre diante do criador absurdo. Ele deve dar suas cores ao vazio.¹²⁸”

Assim se desenrola a tragédia da vida. Mantendo as pontes com *Bacurau*, mas retomando o raciocínio em direção à tragédia proposta em *Caminhos*, o sofrimento do seu herói é um ponto essencial em sua trajetória.

Na tragédia, o destino do herói é sofrer – como sofreu Dionísio quando foi despedaçado – para fazer o espectador aceitar o sofrimento como integrante da vida. **Segundo Nietzsche a finalidade da tragédia é produzir alegria.** A tragédia, ao mostrar que o destino do herói trágico é sofrer, não produz sofrimento, mas alegria: **uma alegria que não é mascaramento da dor, nem resignação, mas a expressão de uma resistência ao próprio sofrimento**¹²⁹.

Ao se descolar de si mesmo, o herói é levado ao bel-prazer das paixões coletivas, que opõe humano contra humano cegamente. Revoltado com o ódio no mundo, ele absolutiza o ódio, proferindo um sim total; uma saída niilista ao absurdo que Camus encontra dentro da própria filosofia nietzschiana. “A ascese nietzscheana, partindo do reconhecimento da fatalidade, leva a uma divinização da fatalidade¹³⁰”.

Quando o absurdo lhe confronta com a morte e a destruição, responder com um sim total é o mesmo que aceitar uma participação indiscriminada na corrente de ódio do mundo. Mas essa aceitação total, inevitavelmente, abre as portas para a aceitação do assassinato.

É fácil falar de todas as espécies de atos imorais, mas teremos a força de suportá-los? Por exemplo, eu não conseguiria faltar com a minha palavra ou matar; eu persistiria, mais ou menos tempo, mas morreria por isso, este seria o meu destino. A partir do instante em que era dado o assentimento à totalidade da

¹²⁸ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 59.

¹²⁹ MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2017. p. 38-39.

¹³⁰ CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 102.

experiência humana, podiam surgir outros que, longe de resistirem, se fortaleceriam na mentira e no assassinato¹³¹.

A aceitação total da experiência, por ser total, nada pode recusar, logo, a tudo aceita, incluso o assassinio. Porém, e essa é a sabedoria essencial que Camus, Damiano e o herói de BK sugerem, é possível estar em contato com a diversidade, mesmo com o mal e ainda assim estabelecer um limite, uma medida.

Dois não fundamentam a recusa do herói de BK em mergulhar de vez na corrente de ódio e o devolvem às origens da revolta. *Para não causar dor, para não sentir dor.* Um primeiro não é voltado aos outros, o homem revoltado defende um valor que lhe transcende e que identifica no próprio gênero humano, assim, o primeiro **não** impede que se destrua o próximo. Todavia, o próximo **não** é ainda mais importante, pois apela para que o homem não destrua a si mesmo no nihilismo da aceitação total.

Para evitar o suicídio, resta ao homem a tarefa sísifca de *suportar querendo capotar / apostar sem ninguém para acreditar*. Essa é a tarefa do homem comum, do trabalhador moderno, do brasileiro médio, caminhando na linha tênue entre ídolos do *Instagram* e a necessidade de se submeter a uma rotina esmagadora, que não oferece segurança ou estímulos positivos. Ao contrário, lhe nega, ao ponto de revoltá-lo, como aludido no capítulo acerca da genealogia da revolta brasileira.

O Sísifo de BK se rebela mais uma vez, *derruba o tabuleiro e vira [o jogo] a seu favor*, invertendo os polos e colocando os ratos no travesseiro, enquanto o Estado fica com o bueiro (*Bueiro pro Estado, pro rato travesseiro*). Nesse instante em que as coisas estão invertidas, o poeta nos coloca uma imagem: *uma sexta na Lapa lotada chovendo dinheiro. Sonho ou pesadelo?* É o instante em que o herói trágico, antes fechado em seu próprio absurdo percebe os outros homens e mulheres, trabalhadores, angustiados como ele, todos envolvidos na mesma situação. *Uma sexta na Lapa lotada chovendo dinheiro. Sonho ou pesadelo?* Na dúvida, o herói de BK entoca sua arma.

*Eu entoquei minha arma
De tanta raiva que tava guardada
Na real o que não faltava era alguém pra usá-la.*

¹³¹ *Idem.* p. 108.

Embora não faltasse à sua revolta a raiva necessária para atirar, e aqui pode-se pensar na revolta de um jovem negro contra todos os estigmas negativos e opressores que lhe são impostos, mas também, faz-se cabível a analogia quanto a uma mulher que por muito tempo sofreu um relacionamento abusivo e teve que reprimir suas mágoas.

O herói de BK, no limite, se recusa a matar, não nega a raiva e nem nega saber quais são os alvos de sua raiva, mas se recusa a matar. Ele está, sem dúvidas, revoltado, mas se cansou do que não anda, do que não tem uma existência concreta. Ele sabe que os deuses abandonaram o homem e rima o contraste entre a finalidade de uma ordem divina que dá um lugar certo a cada coisa, ao estado de caos em que, de fato, se vive nas cidades dos homens. Esta é uma percepção lúcida do absurdo.

O herói trágico percebe que os deuses morreram ao se deparar com o bruto contraste entre o estado de calamidade em que as cidades estão mergulhadas e a finalidade divina de uma ordem, de uma bonança eterna e inocente.

*Eu já cansei de gastar minha energia
Com coisas que eu sabia que não iam andar
Eu acredito que os Deuses abandonaram o barco
Saíram voado ao ver o descontrolado
Estado de calamidade solto entre as cidades
E a sua finalidade.*

Ao desistir de gastar suas energias com o que não anda, o herói de BK recusa o mundo dos deuses e das idealidades e afirma a Terra trágica. É o instante em que ele retorna de sua solidão cúmplice da revolta, um estar só que traz o entendimento de que *o que fazer, porque fazer e quando fazer são coisas que só importam para ele**.

A sua conduta, os seus motivos e o seu próprio tempo, estas três coisas são de responsabilidade do homem. São, em suma, o seu próprio caminho, o necessário para o homem tornar-se aquilo que ele é. Todavia, esta afirmação do ser faz-se paralela a imposição de um limite para o ser que afirma.

O que fazer, porque fazer e quando fazer são coisas que só importam para mim. O homem absurdo é aquele que entende, como Meursault, que a aventura da vida é solitária, todavia, uma vez revoltado, não pode deixar de reconhecer que outras solidões tão absurdas quanto a dele habitam essa terra.

O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si mesma e ao mundo. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva¹³².

A afirmação daquilo que só importa para ele, ou seja, de seu próprio caminho, não pode legitimar a morte do outro, o aniquilamento de um caminho diferente.

Coragem desmedida só é glória pro covarde, aludindo a um verso do *rapper* baiano, Baco Exu do Blues¹³³, é possível concluir, junto com BK e Camus, que se propor a enfrentar o mundo desmedidamente, sem se preocupar com os outros – e, em última instância, sem se preocupar consigo mesmo –, só pode representar uma glória para o covarde, aquele que, perdido na corrente de ódio, se propõe a matar e morrer indiscriminadamente, porque está imerso na negação total e não tem forças para afirmar.

Justamente porque está perdido num ambiente em que não pode se fixar, não encontra um referencial seguro, porque é, enfim, um niilista, que ao negar tudo se vê ainda preso ao fato de que nega. Todavia, no mais profundo do niilismo se esconde um sim. Aquela coragem desmedida, ao enfim encontrar uma medida, sai da negação pura para também afirmar. Esta medida não é outra coisa senão a revolta fiel às suas origens.

A imagem dos caminhos, associada à repetição é fundamental tanto na obra de BK quanto na obra de Camus. Contam as lendas gregas que Sísifo, herói mitológico que dá nome ao ensaio filosófico de Camus, foi condenado pelos deuses ao maior dos castigos¹³⁴. O esforço repetitivo e inútil. Para cumprir seu castigo ele deveria rolar uma pedra montanha acima, apenas para, alcançado o topo, ver seu hercúleo trabalho desfeito, e a pedra rolar montanha abaixo, e sua missão ter de recomeçar.

Sísifo é trágico porque é consciente de seu destino¹³⁵. E é essa consciência que permite que ele o enfrente com o desprezo necessário para não se submeter. Quando

¹³² CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017.

¹³³ BACO EXU DO BLUES. Música: **Imortais e Fatais**. Álbum: Esú. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CcFfnLVnqCk>>.

¹³⁴ “Se acreditarmos em Homero, Sísifo era o mais sábio e mais prudente dos mortais. Segundo uma outra tradição, porém, ele tinha queda para o ofício de salteador. Não vejo aí contradição. Diferem as opiniões sobre os motivos que lhe valeram ser o trabalhador inútil dos infernos. Reprovam-lhe, antes de tudo, certa leviandade para com os deuses.” <CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 139.>

¹³⁵ “Se esse mito é trágico, é que seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento

termina sua tarefa extenuante, seu castigo é ver seu trabalhado desfeito de uma vez. E o que lhe resta é empreender um novo esforço e levar a pedra montanha. Ora, mais uma vez não é a mesma vez.

O herói de BK também é trágico porque consciente. E a consciência, que se confunde com o “eu”, transita por dois lados tanto criadores de vida quanto destruidores; tanto nihilistas quanto super-homem. Porém, ambos os polos, ao fim ao cabo, estão contidos numa mesma vida. No interior dessa repetição sempre renovada, justamente *entre o errado e o certo, preferindo ter os dois por perto** que o Sísifo de BK se mantém. O meio termo é onde o herói decide quedar.

Quando tentou *se afogar no ódio e pensar que a terra não era um bom lugar*, ele foi levado por uma corrente autodestrutiva que tinha como única conclusão lógica possível o suicídio, no nível individual, ou o assassinio generalizado, num contato com o outro em que só importa matar antes de morrer.

Persiste no herói de BK a esperança de que ódio não move o mundo. Porém, esta esperança não termina como um ponto final, um bom augúrio da paz eterna. No fim, o herói, fiel às suas origens revoltadas, afirma estar pronto para o recomeço. Sísifo volta a rolar a pedra rochedo acima, e é preciso imaginar Sísifo feliz. Para imaginar esta felicidade, a vida é o requisito primordial.

Deixo Sísifo no sopé da montanha! Sempre se reencontra seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos. Ele também acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem senhor não lhe parece nem estéril nem fútil. Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. **A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz**¹³⁶.

Os caminhos para a revolta traçados por BK são similares aos de Camus, assim como sua conclusão. O único desfecho fiel à revolta, que mantém a tensão do absurdo sem tentar fugir, é a assunção de que tudo o que existe são caminhos, e estes caminhos só

consuma, com a mesma força, sua vitória. Não existe destino que não se supere pelo desprezo.”

<CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. p. 139.>

¹³⁶ *Idem*. p. 141.

importam para aqueles que o seguem. Aqui está a solidão a que homens e mulheres estão fadados.

Porém, é preciso alertar que o Sísifo de BK vai além da solidão, ao descobrir o outro e seu inevitável choque com ele. Após se recusar a aceitar a lei da força e o niilismo, Sísifo afirma sua própria moral de solitário: *a esperança de que o ódio não move o mundo*, só essa esperança basta para que estejamos prontos para recomeçar. A voz do coro anuncia a conclusão.

*Eu tentei me afogar no ódio
Pensar que a Terra não era um bom lugar
E a esperança que ele não move o mundo
Estamos prontos pra recomeçar.*

O herói trágico de Caminhos então une a seu sentimento de absurdo, o de revolta e a estes dois sentimentos uma sabedoria essencial – *o que fazer, porque fazer, quando fazer são coisas que só importam pra mim*. Estes versos, que em um primeiro momento parecem afirmar o egoísmo, de fato o fazem, mas o egoísmo consciente do homem que sabe estar trilhando o seu caminho. E, aqui está o principal: sabe que existem outros trilhando *caminhos* dos mais diversos. A partir desse sentimento de solidariedade, é possível retornar a encarar o absurdo sem correr para o niilismo.

8. CONCLUSÃO

Concluir, diante do absurdo e da revolta, só pode ter o sentido de recomeçar, empreender um novo esforço, talvez mais lúcido, mais experiente, todavia, ainda limitado. Assim, a resposta para a pergunta formulada no início da pesquisa: qual sentido da justiça em Camus? Não pode ser outra que não a aceitação trágica dos limites de realização da própria justiça, a manutenção da tensão, a rejeição ao absoluto e à tentação humana de tornar-se Deus.

Camus conclui *O Homem Revoltado*, aquela que talvez seja sua obra mais difícil e problemática, e também a mais criativa e profícua, com estas palavras:

Todos, na verdade, podem reviver junto aos mártires de 1905, mas com a condição de compreender que eles se corrigem uns aos outros e que, sob o sol, um limite refreia todos. Um diz ao outro que não é Deus; aqui se encerra o romantismo. Nessa hora em que cada um de nós deve retesar o arco para competir novamente e reconquistar, na e contra a história, aquilo que já possui, a magra colheita de seus campos, **o breve amor desta terra, no momento em que, finalmente, nasce um homem, é preciso renunciar à época e aos seus furores adolescentes. O arco se verga, a madeira geme. No auge da tensão, alçará voo, em linha reta, uma flecha mais inflexível e mais livre.**¹³⁷

Decerto que a época é de polarizações e estas impõem, ainda que a contragosto, certos engajamentos. Não se devem negá-los, nem fugir das contradições e disputas que os tempos nos propõem, mas é preciso conversar com a sabedoria de Damião, enquanto se olha para os céus desejáveis, mas distantes, é preciso cultivar o que é certo e atual.

Dizer não. Negar a corrupção, negar a degeneração do sistema político, negar a moral degradada, por fim, negar o niilismo, para afirmar. Com o sim, achado no furacão das negações, homens e mulheres revoltados dão um passo além da polarização torpe. Decerto que existem diferenças a serem ser afirmadas, valores que devem ser transvalorados: é preciso lutar por uma moral genuína.

Se, em tempos de polarização, o outro se converte no absurdo, é preciso revoltar-se contra ele, é preciso exigir que ele faça sentido para nós. Porém, somente na exata

¹³⁷ <CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017. p. 399>

medida em que não podemos tolerar que ele negue o nosso sentido mais básico, nossa primeira evidência de valor, que é a própria revolta. Aquela parte de nós que vemos ressoar em toda a humanidade acima do “eu”.

É preciso assumir nossa verdadeira condição que é a de estarmos vulneráveis. Não é que não seja dito, mas o fazemos de forma invulnerável, mostramos nossa dor ao mundo, mas não queremos que ninguém toque nela. Porque há algo de nosso naquela dor. Fazemos da dor uma identidade e nos apegamos a tal ponto que o mundo é mediado por ela. Pelo medo de sofrer essa dor novamente e a ânsia de encontrar um culpado que a expie.

Assim, mediados pelo sofrimento, negamos a cura porque, apegados à dor, temos uma moral que nos ensina a conservar uma precária unidade. Nega-se a dor, na tentativa de fugir dela. A justiça, assim, se confunde com a ausência de dor. Serão justos conosco se não nos ferirem. Todavia, um espírito absurdo e trágico sabe que querer um mundo sem dor equivale a querer outro mundo. Quando só há este.

Caminhos e Bacurau não negam a dor, tampouco, necessariamente, afirmam a cura. Talvez porque esta não exista, talvez porque contra o sofrimento não haja coisa alguma a fazer senão revoltar-se. Talvez, ainda, a revolta não traga a resposta, nem a justiça, mas permitirá que a vida siga em curso.

O Direito revoltado é o que nega o império cego das leis, mas que se afirma enquanto limite. A justiça, alma do jurídico, é o limite a ser defendido pelas leis, mas se estas leis não respeitam a tensão da revolta, só servirão para instaurar o formalismo moral no qual a corrupção enche os bolsos.

Camus talvez seja um moralista e o isso o enfraqueça perante aqueles que só acreditam na história, sem lhe impor uma medida. Porém, é preciso apontar qual é a sua moral, que nada tem a ver com as indulgências dos cidadãos de bem, nem com o fanatismo dos justiceiros sociais. Os dois, no ápice de sua diferença, regem suas ações pensando num amanhã hipotético, enquanto a realidade do hoje esmaga o homem¹³⁸.

O pouco de moral que Camus tem, conforme ele mesmo afirmara, é a que adquiriu entre seus companheiros de futebol e os artistas do teatro. A moral da solidariedade

¹³⁸ Cabe citar a música de uma banda assumidamente inspirada pelo pensamento de Camus, a gaúcha Engenheiros do Hawaii. “*Tudo é igual quando se pensa / Em como tudo deveria ser / Há tão pouca diferença e há tanta coisa a fazer.*” <ENGENHEIROS DO HAWAII. Música: **A Revolta dos Dândis II**. Álbum: A Revolta dos Dândis. 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SITCEiBOx94>>

firmada entre aqueles que se engajam juntos na repetição, entre goleadas e vexames, entre sucessos de crítica e plateias vazias. Os companheiros de um time, de um projeto, encontram seu valor, mais do que nos resultados de seus esforços, no fato de combaterem em comunhão. As ideologias que se pretendem salvadoras da humanidade partem de absolutos para transformar o real. A revolta tem como seus caminhos a contraditória realidade numa luta sempre recomeçada em busca da verdade: do sentido da justiça.

Longe de ser um romantismo, **a revolta toma ao contrário o partido do verdadeiro realismo.** Se quer uma revolução, ela quer em favor da vida, não contra ela. Por isso, **ela apoia-se primeiro nas realidades mais concretas, como a profissão, a aldeia, nas quais transparecem a existência, o coração vivo das coisas e dos homens.** Para ela, a política deve submeter-se a essas verdades. Finalmente, quando ela faz avançar a história e alivia o sofrimento dos homens, ela o faz sem terror, ou até mesmo sem violência, nas condições políticas mais diversas.¹³⁹

Camus sempre se definiu como um homem de esquerda, entendida como a posição política que prioriza a formulação de uma ética social e do engajamento transformador. Não obstante, é inegável que ao apontar para a necessidade de fundar uma moral, conquanto seja uma moral revoltada, abra o caminho para dotar certas razões aos conservadores.

O mundo não se acha numa condição de estabilidade pura, mas ele não é somente movimento. Ele é movimento e estabilidade. A dialética histórica, por exemplo, não continua indefinidamente em busca de um valor desconhecido. Ela gira em torno do limite, seu valor primeiro. Heráclito, inventor do devir, fixava, entretanto, um marco para esse processo contínuo. Esse limite era simbolizado por Nêmesis, deusa da melodia, fatal os desmedidos. Uma reflexão que quisesse levar em conta as contradições contemporâneas da revolta deveria procurar a sua inspiração nesta deusa.¹⁴⁰

Uma imagem traz à tona e leva mais longe esse pensamento. Quando o povoado de Bacurau se reúne para a preparação da batalha, chega o vingador Lunga, trajado num

¹³⁹ Uma gravação resgatada de Albert Camus em que comenta sobre suas paixões.

¹⁴⁰ p. 387

estilo *punk* sertanejo agressivo e diferenciado. Após seu desfile de entrada, uma anciã ao lhe ver anuncia: “que roupa é essa, menino?”. Sem dúvidas, esse é um dos momentos mais alegres de *Bacurau*. Quase impossível conter o riso diante da verdade que se ilumina nas entrelinhas do cotidiano.

Detrás do vingador, daquele que carrega a morte e a destruição à serviço da justiça, e de suas vestes agressivas, conserva-se o menino. O menino é o início, ou o limite. O que permanece no corpo de Lunga, à despeito da força e do poder que ele possua. Se a tragédia do mundo impõe que ele atue causando a morte, é nesta mesma tragédia que também se encontra o riso. A alegria que está contida em todo recomeço.

No tempo das polarizações, eis o sentido trágico da justiça em Albert Camus: manter vivos os caminhos da revolta.

REFERÊNCIAS

ABEBE BIKILA (BK). Música: **Caminhos**. Álbum: Castelos e Ruínas. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wPDRC0yCUd8>>

BACO EXU DO BLUES. Música: **Imortais e Fatais**. Álbum: Esú. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CcFfnLVnqCk>>.

CAMUS, Albert. **A Peste**. Abril Cultural. São Paulo. 1984.

_____. **Cadernos II**. Editora Livros do Brasil. Lisboa. 1964.

_____. **Diário de Viagem**. Editora Record. Rio de Janeiro. 1978.

_____. **Núpcias**. Editora Nova Fronteira. São Paulo. 1969.

_____. **O Estrangeiro**. Editora Lisboa. Portugal. 1980.

_____. **O Homem Revoltado**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2017.

_____. **O Mito de Sísifo**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019.

ENGENHEIROS DO HAWAII. Música: **A Revolta dos Dândis II**. Álbum: A Revolta dos Dândis. 1987. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SITCEiBOx94>>.

ESTADO DA ARTE. **O interlocutor fraterno** – Czeslaw Milosz escreve sobre Albert Camus. Estadão. Disponível em: <<http://estadodaarte.estadao.com.br/o-interlocutor-fraterno-czeslaw-milosz-escreve-sobre-albert-camus/>>.

FELICIANO, Jonas. **“Bacurau” arrecada R\$1,5 milhões e já foi assistido por 110 mil pessoas**. Eu, Rio!. Disponível em: <<https://eurio.com.br/noticia/9332/bacurau-arrecada-rs1-5-milhoes-e-ja-foi-assistido-por-110-mil-pessoas.html>>.

FORLIN, Miguel. **A baixeza de Bacurau**. Estadão. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/a-baixeza-de-bacurau/>>.

G1. **Filme brasileiro ‘Bacurau’ vence prêmio do Júri no Festival de Cannes**. G1 Globo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/05/25/bacurau-vence-premio-do-juri-no-festival-de-cannes.ghtml>>.

GIANNI, Thays. **Jair Bolsonaro Defendendo Guerra Civil, Fim do Voto e Fechamento de Congresso**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gu6-ZZ1dTzk>>.

GILBERTO GIL. Música: **Aquele abraço**. Disco: Gilberto Gil: Cérebro Eletrônico. 1969. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zFGMLQ3q15c>>.

GONZALES, Horácio. **A Libertinagem do Sol**. Editora Basiliense. São Paulo. 1982.

LEITE, Lourenço. **Ética do Absurdo**. EDUFBA. Salvador. 2017.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2017.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Editora Vozes Nobilis. Rio de Janeiro. 2018.

NASCIMENTO, Mirella. **UOL TAB #159**: Questionar lugar de fala “mata” literatura, diz Mia Couto. UOL. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/24/uol-tab-159-mia-couto.htm>>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1984.

RINCON SAPIÊNCIA. Música: **Ponta de Lança (Verso Livre)**. Disco: Ponta de Lança (Verso Livre). 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U9I-PNoslxA>>.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Nova Fronteira. São Paulo. 2017.

SILVA, Francisco Amsterdam Duarte da. **Sartre, Camus e o problema do engajamento político**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2018.